

o livro do arumã

Wama Pampila
Aruma Papeh



O arumã é a matéria-prima mais valorizada pelos Wayana e Aparai na confecção de cestos, peneiras, abanos e tipitis, por ser resistente e flexível e por permitir a reprodução de grafismos. Planta herbácea silvestre encontrada em terrenos úmidos de terra firme, ao ser colhido, volta a brotar e renovar-se. Um manejo experimental desta fibra foi realizado no âmbito de um projeto desenvolvido pelo Iepé a partir de uma chamada pública de projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural em áreas indígenas, promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Entre 2010 e 2014, oficinas teóricas e práticas de manejo de arumã foram realizadas em aldeias das terras Indígenas Parque do Tumucumaque e Rio Paru D'Este, no extremo norte do Pará. Este livro registra essa experiência, apresentando um amplo conjunto de saberes e práticas dos Wayana e Aparai sobre o arumã e a cestaria trançada com essa fibra vegetal, dotada de atributos cosmológicos, estéticos e técnicos.



o livro do arumã

Wama Pampila

Aruma Papeh

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará, proporcionando-lhes assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

CONSELHO DIRETOR: Maria Bernadette Arantes Nogueira Franceschini (Presidente), Dominique Tilkin Gallois (Tesoureira), Lúcia Hussak van Velthem (Secretária)

CONSELHO EDITORIAL: Denise Fajardo, Dominique Tilkin Gallois, Luis Donisete Benzi Grupioni, Lúcia Hussak van Velthem, Lux Boelitz Vidal

COORDENADOR EXECUTIVO: Luis Donisete Benzi Grupioni

COORDENADOR EXECUTIVO ADJUNTO: Décio Horita Yokota

COORDENADORA DO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Denise Fajardo

EQUIPE DO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Andréia da Silva Vaz, Evandro Batista Antunes Bernardi, Jeciane Fonseca de Souza, Marina Minari

ASSESSORIA ANTROPOLÓGICA AO PROGRAMA TUMUCUMAQUE: Lúcia Hussak van Velthem

Para saber mais sobre o Iepé consulte www.institutoiepe.org.br

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL



PARCERIA INSTITUCIONAL



APOIO À PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO

Secretaria da
Agricultura Familiar

Ministério do
Desenvolvimento Agrário



Iepé São Paulo

Rua Professor Monjardino, 19 - Vila Sônia
05625-160 – São Paulo – SP
Tel. 11-3746-7912 e 3569-4973
sede-sp@institutoiepe.org.br

Iepé Macapá

Rua Leopoldo Machado, 640 - Nazaré
68908-120 – Macapá - AP
Tel. 96-3223-7633 e 3223-2052
sede-macapa@institutoiepe.org.br

lepé

o livro do arumã

Wama Pampila
Aruma Papeh

Lúcia Hussak van Velthem
Iori Leonel van Velthem Linke

2014



Copyright © Iepé, 2014

o livro do arumã Wama Pampila – Aruma Papeh

Lúcia Hussak van Velthem (MPEG/SCUP – MCTI) e
Iori Leonel van Velthem Linke (FPE Cuminapanema/CGIIRC – FUNAI)

AUTORES DOS TEXTOS EM LÍNGUA WAYANA

Amiakaré Apalai
Aparaire Wayana Apalai
Axiwae Apalai Wayana
Mukaia Apalai Wayana
Tanai Apalai Wayana
Totoka Apalai Wayana
Tyna Apalai Wayana
Xikuire Apalai Wayana

AUTORES DOS TEXTOS EM LÍNGUA APALAI

Amiakaré Apalai
Axiwae Apalai Wayana
Herenaiké Wayana Apalai
Merekuku Apalai
Pixuxu Apalai Wayana
Tore Wayana Apalai
Tusepo Apalai Wayana
Ximueh Wayana Apalai

FOTOS

Iori Leonel van Velthem Linke (todas,
exceto as identificadas).

DESENHOS

Amiakaré Apalai
Aparaire Wayana Apalai
Axiwae Apalai Wayana
Herenaiké Wayana Apalai
Merekuku Apalai
Mukaia Apalai Wayana
Pixuxu Apalai Wayana
Tusepo Apalai Wayana
Tanai Apalai Wayana
Tore Wayana Apalai
Totoka Apalai Wayana
Tyna Apalai Wayana
Xikuire Apalai Wayana
Ximueh Wayana Apalai

EDITOR

Luís Donisete Benzi Grupioni

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Renata Alves de Souza | Tipográfico
Comunicação

APOIO À PUBLICAÇÃO DO LIVRO

Este livro foi editado no âmbito das atividades do Projeto “Apoiando experiências indígenas em gestão territorial e ambiental no Amapá e Norte do Pará”, desenvolvido pelo Iepé, a partir de chamada pública de apoio financeiro a projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) em áreas indígenas, promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Velthem, Lúcia Hussak van
O livro do Arumã : Wama Pampila : Aruma Papeh /
Lúcia Hussak van Velthem, Iori Leonel van Velthem
Linke. -- São Paulo : Iepé, 2014..

Bibliografia.

1. Cestaria indígena - Amazônia 2. Índios da
América do Sul - Brasil - Cultura 3. Índios Wayana -
Usos e costumes 4. Povos indígenas I. Linke,
Iori Leonel van Velthem. II. Título.

ISBN 978-85-98046-16-7

14-11041

CDD-980.41

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Brasil : Povos indígenas 980.41
2. Povos indígenas : Brasil 980.41

índice

| | |
|---|-----|
| introdução | 6 |
| os wayana e os aparai no Brasil | 12 |
| o arumã | 24 |
| o arumã e os saberes artesanais | 58 |
| usos e funções dos trançados de arumã | 70 |
| os grafismos dos trançados | 82 |
| catálogo de grafismos | 92 |
| posfácio: o projeto de manejo de arumã | 118 |
| referências de trabalhos sobre cestaria norte amazônica | 126 |

introdução



Na Amazônia brasileira, os artefatos produzidos pelos povos indígenas com fibras vegetais possuem ampla distribuição. Estas matérias-primas são leves, flexíveis, transportáveis e renováveis. Permitem a produção de uma grande variedade de objetos trançados que revelam complexas técnicas de confecção e, podendo ser tingidas, as fibras vegetais possibilitam que grafismos sejam elaborados. Outros aspectos significativos estão relacionados com as funções que os objetos de cestaria desempenham, tanto na vida diária, como nos rituais, sem esquecer aqueles que estão conectados com as relações familiares desenvolvidas por seu intermédio.

Cada sociedade indígena desenvolveu o seu repertório cesteiro que apresenta formas, técnicas de manufatura, usos e significados simbólicos específicos. Como destaca a antropóloga Lux Vidal, alguns povos ameríndios, porém, atribuíram à confecção cesteira a qualidade de suporte material para uma rica trama simbólica que inclui representações de ordem cosmológica, histórica, econômica e social, revelando ainda profundas preocupações estéticas. Entre outros, este é o caso dos Wayana e Aparai que vivem no Norte do Estado do Pará.

O presente livro reúne um conjunto de saberes e fazeres dos Wayana e dos Aparai que estão associados à cestaria, e mais especificamente ao arumã (*Ishnosiphon spp.*), uma planta herbácea de ambientes florestais úmidos da Amazônia. Esta fibra vegetal foi objeto de um projeto de manejo experimental - Apoiando experiências indígenas em gestão territorial e ambiental no Amapá e Norte do Pará - iniciado em 2010, pelo Iepé – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, em algumas aldeias destes povos indígenas, localizadas nas margens do rio Paru de Leste.

A estrutura e parte do conteúdo deste livro foram discutidas e estabelecidas durante a realização de oficinas nas aldeias dos Wayana e Aparai. Na ocasião foram produzidas ilustrações, assim como textos nas duas línguas indígenas faladas na região. As designações, os títulos dos capítulos e os textos nas línguas indígenas produzidos originalmente pelos pesquisadores indígenas foram transcritos e corrigidos pelos próprios Wayana e Aparai.



Oficina de documentação

Evidentemente não esgotamos a temática da cestaria, pois é ampla e complexa, não cabendo nestas poucas páginas. Visamos apresentar, portanto, um material de divulgação, concebido com o objetivo de documentar, promover e compartilhar esses conhecimentos para o público externo, e também para o interno, a guisa de suporte à memória desses conhecimentos.

A organização dos textos considerou, sobretudo, os aspectos que valorizassem os saberes dos Wayana e Aparai e o trabalho dos pesquisadores indígenas. São descritos e ilustrados diferentes aspectos que se conectam aos trançados de arumã: as narrativas míticas, os grafismos, as técnicas de entrançamento, a variedade formal, os usos e funções, as relações sociais que permitem estabelecer, sempre considerando que o arumã constitui uma matéria-prima dotada de atributos especiais, cosmológicos, estéticos e técnicos.



Na primeira parte deste livro, os Wayana e os Aparai são apresentados, há uma breve descrição de seu modo de vida contemporâneo: onde vivem e quantos são, que línguas falam, e também um sucinto histórico de ocupação territorial de cada povo. A segunda parte é dedicada a introduzir à categoria artesanal da cestaria, suas técnicas, os grafismos que apresenta e as relações sociais que desencadeia ao serem utilizados ou trocados. Esta parte dialoga diretamente com os materiais produzidos pelos Wayana e pelos Aparai em oficinas realizadas em suas aldeias. Trata-se de narrativas míticas sobre cestaria, sobre os diferentes tipos de arumã, sobre os grafismos, explicando fatos, suas origens e organizando as cosmovisões indígenas. A terceira parte apresenta um catálogo de grafismos de cestaria. A quarta parte revela ao leitor um resumo do desenvolvimento do projeto acima mencionado, cujo subprojeto, relativo ao manejo de arumã deu origem a esta publicação. As referências são constituídas por sugestões de leitura sobre os Wayana e os Aparai e sobre a cestaria indígena norte amazônica.

Observamos que nos textos escritos para o livro e nas identificações pessoais são encontradas diferentes grafias: Aparai, Apalai, Apalay; Wayana, Wajana, Waiana, Ajana que constituem formas legítimas de identificação desses povos indígenas. No geral optamos pela grafia mais frequente, a saber: Wayana e Aparai. Os termos indígenas estão primeiro em língua wayana e depois em aparai.

Muito embora a finalização deste livro tenha ficado a cargo dos organizadores das oficinas sobre arumã, esta publicação representa o fruto do trabalho coletivo de vários autores wayana e aparai que são creditados no início do livro. Houve um grande empenho de todos para que este seja um livro bonito de se ver e bom de se ler.

os wayana e os aparai no Brasil



Os Wayana e os Aparai são dois povos indígenas que falam línguas da família Carib. Vivendo em um mesmo território, mantêm há mais de um século estreitas relações de convivência. A antiga e próxima relação entre os Wayana e Aparai propiciou múltiplos casamentos e a troca de muitos elementos culturais, gerando certa homogeneidade cultural, mas sem eliminar totalmente a especificidade e a identidade de cada um destes povos.

No século XIX, os relatos de viajantes e cientistas identificavam os Wayana como *Rucuianas, Ouayanes, Uruguiana, Aiana*; e os Aparai como *Appirois, Apareilles, Apalai*. Segundo esses cronistas, os Wayana ocupavam no Brasil um vasto território compreendido pelos interflúvios do médio e alto curso do rio Paru de Leste, seu afluente da margem direita o rio Citaré e o rio Jarí. Nos países vizinhos, Suriname e Guiana Francesa, os Wayana habitavam o alto curso dos rios Paloemeu e Litani, e o rio Maroni. No passado, devido ao seu isolamento geográfico, os Wayana acolheram grande parte dos indígenas fugidos das vilas e missões religiosas coloniais, tais como os Kukui, Pupuryana, Arakapai, Upului que são mencionados em sua tradição oral.

Os relatos históricos sobre os Aparai indicam que viviam na região situada entre o baixo curso dos rios Paru de Leste e Jari. Provavelmente mantinham relações com outros povos de língua Tupi, como os Apama e os Aracayu. Posteriormente os Aparai ocuparam também o rio Maicuru e começaram a se espalhar pela calha do rio Paru de Leste, até o médio e alto curso, instalando-se então na área habitada tradicionalmente pelos Wayana.

Na atualidade esses dois povos indígenas continuam vivendo no alto e médio curso dos rios da região da tríplice fronteira entre o Brasil, Suriname e a Guiana Francesa. Nesses três países totalizam cerca de 2000 pessoas, sendo que no Brasil vivem 1036, de acordo com censo realizado pela Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) em 2014. Neste país estão distribuídos por 20 aldeias, todas localizadas às margens do rio Paru de Leste, em duas áreas contíguas, situadas no extremo norte do Estado do Pará, a Terra Indígena Parque Tumucumaque e a Terra Indígena rio Paru d'Este.



É nesse vasto território que os Wayana e os Aparai constroem suas aldeias, abrem suas roças, caçam, pescam, e coletam o arumã e outras matérias-primas que são empregadas na cestaria. Os trançados feitos com estas fibras vegetais permitem aos Wayana e Aparai transportarem e transformarem vegetais cultivados ou coletados em alimentos.

Os cestos cargueiros, os tipitis, as peneiras, os abanos são objetos trançados imprescindíveis no preparo dos beijus, da farinha e das bebidas fermentadas que tem como base a mandioca brava.



Outros trançados são produzidos para guardar carne, peixe ou pimentas moqueadas e para os novelos de algodão e adornos de miçangas. Os trançados compõem também nos rituais, pois acondicionam as feiras de penas que irão compor as máscaras e os enfeites plumários.

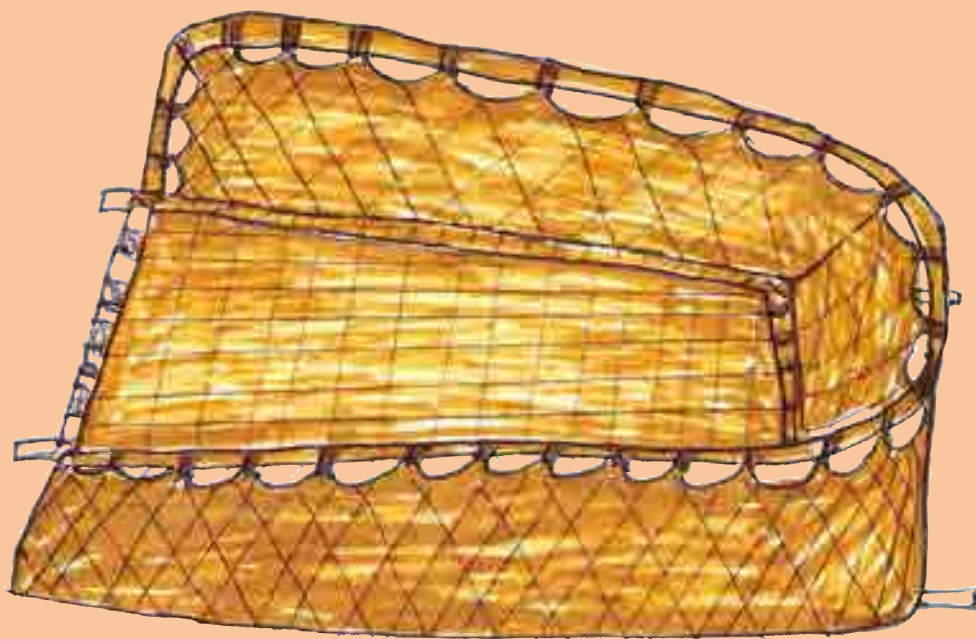
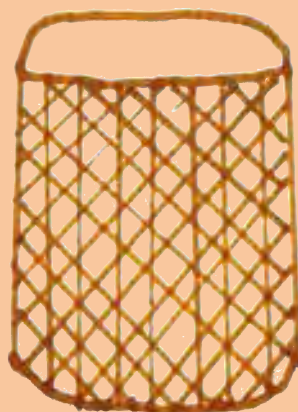


Cestaria destinada à comercialização

Além de suas aldeias, os Wayana e os Aparai têm como referência a cidade de Macapá, no Estado do Amapá. É neste centro urbano que vendem seus produtos artesanais, com especial ênfase na cestaria. Antigamente esse comércio era feito nas aldeias e operava diretamente entre os artesãos e os funcionários dos órgãos públicos, como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e a FAB (Força Aérea Brasileira). Posteriormente a comercialização de artefatos passou a ser feita em Belém, no Estado do Pará e finalmente em Macapá. Na capital amapaense esta atividade esteve inicialmente à cargo da APITU (Associação dos Povos Indígenas do Tumucumaque) até meados dos anos de 1990, mas na atualidade é conduzida pela APIWA (Associação dos Povos Indígenas Wayana e Aparai) que organiza e centraliza o comércio de artefatos.

Os Wayana e os Aparai possuem um jeito próprio de viver que reúne experiências, saberes e conhecimentos únicos, compartilhados apenas entre os membros destas sociedades e que não se confundem com os modos de viver de outros povos indígenas no Brasil. Todo esse imenso legado se revela também na produção e uso dos artefatos de cestaria que empregam o arumã.





OTĀTO ARUMA KAHSE KENAPATOPO

Aruma kahsemy kure wyi eukatohme, wyi nohtohme, eukuru ahpitohme, apoto zukatohme, aixi ěme, otytyko arotohme, otytyko ěme, kataorime, rutome, otykahnõko tymereme, tymerěkarame, ynara.

MOPO

Pake ahtao mokyro Mopo, amynyhpyry apipa mihtae. Pakatokomo a mame tōytose toto repe. Arino poko.

Moroto apipa rokene tonese eya xine.

Tōytose toto apipa enese repe yrame tonese apipa eya xine.

Mame tanŷse eya xine moro apipa woehhtykase repe yrome poeto pitiko. Rokene tyxihtase toto. Umūkurume tykase nohpo tynio a.

Arōko ase tykase repe tynio a, ynara tykase inomōko moroto tykase inio eya repe.

– Ynara tykase tynio a. Arōko ase umūkurume. Tykase tynio a.

Unuahtanopyry me tumūku epyra jexiryke tykase nohpo.

Mame tonehse nohpo a pata pano zuātanohtohme pato pitiko.

Mame tosehpa Mopo me eya:

Tuātase ahtao otyro rīko ehse orino apuhnōko. Ahno sāmo tōsemeikatohme. Ehse apuh nōko repe yrome akono.

Itohtokāko roropa ehse, mutāko roropa moro inaputyhpyry ehse roropa.

– Ynara āko rokene repe, Mopo netaryme akono.

Tapema pyra xoh! Ano āko akono repe.

Oty kono arypyra tapema pyra xoh! Ano āko. Ase tykase akono eya mararara kaxipo toŷtose enehse Mopo tapyi taka.

Tapema enehse toehse ropa se ata pemaŷy, kono tykase repe.

Oehkyry kyryry menehno, āko eya akomo.

Arypyra atape many sero kono tykase eya repe, arypyra arota ropa kary ke tarase ropa eya moro tapema tytapyiny pitiko taka tarase ropa eya.

Mame typau tyrise aoryxiny a repe inarory kōme repe:

– Ytōko ase urakanase iporiry kuaka kana akohse, erapa Mopo tykase akono eya.

Mame tōytose toto urakanase repe.

Mame ynara tykase Mopo a, moro enahko keh moro typou. Tykase akono eya.

Ynapyry pixo enehko Mopo tykase repe akono eya pake renenahno menaka reuku. Typau tykase akono Mopo a.

Enahko mykãno kuhse tyroxine exiryke ahpoĩpo morotoino Mopo tomarakarase akono a.

Omatome mase tykase Mopo a akono.

Mame toytose ropa pata pona toto:

Mame yrokokono tõtyhse ropa emary kure. Mano toehse ropa. Toĩtose akono tupito atykase repe yrome Mopo zehmo ehse akono mame aoryxiry a, tonyh ohse Mopo atykahpyry ipahta ekono a. Tykase aoryxiry eya.

Mame toĩtose Mopo tupito pona ipahse repe.

Tykohmase kono onõky mase enehkase pahne tykase eya.

Morara karyke toĩtose repe, ematohme tykohmase akono a.

Tõmase Mopo nono ãka, arumato atykyrypyry ãka. Tõputohmase roropa. Exiryke.

Yrome toĩtose ropa pata pona nono zapikoko tahporehkase ropa osemazuhme.

Maeh! No ropa tokohro. Mopo tykase aoryxiry eya.

– Ÿ oeh! No ropa kono josãnumano exiryke epora oeh! No tykase torixiry a.

Oty katohme keh ohtohmãko nae. Tykase Aoryxiry eya.

Mame okonino toehse ropa pata pona akono pare tykase akono etãto keh zonẽno repe tymkase Mopo poko. Akono.

Mopo tupito ahpohta asã rokene ahpohta tykase toto eya mame toytose Mopo tupito ahpohte tãpohse eya ahno sama rokene (zupuhpyry, apory emary ipupuru). Ynara tyrise eya toĩtose ropa pata pona Mopo.

Mahpohno xõ keh Mopo tykase eya.

Ÿ ahpohno tykase eya xine.

Mame toytose akono tupito enehse repe yrome ahno sãnokene tyrise eya.

Morotoino toehse ropa akono eya.

Marasã pyra tykase akono eya.

Ÿ asã rokene tykase exiryke. Akene.

Motoino toĩtose tupito ahpohte zumo tyrise eya rahkene. Toĩtose ropa enehse akono tupito enehse tõ ty kase aoryxiry otyka tohme puhko zumo moino tupito myrino tykase aoryxiry eya.

Muruku kaxikokuku ao (ryxiry, akono). Ynara tykase toto: Eukuru tyriko xihxi tykase umurukuru okuru.

Tötyhkase ahtao (wywy tyrise topuhtose eya, tapema roropa tyrise eya wewe pisarara ahkohtohme).

Muruku kaxiko Mopo aomirota muruku tomo. Tuhkãkomo omuruku zohpoko ytoko ase tykase akono eya.

Morotoino taohpase toto, muruku tamo.

Osemazuhme Mopo toytose tupito pona akonino muruku tomo tãky toýtose turueke roropa.

Tãkohse eya xine emero pyra.

Taxiahtao toýtose aoryxiry nohpo tomo. Ehmaropa eukuru arõse tykase aoryxiry.

Toehporehkase toto se eukuru tykase eya xine ehtokose aporo.

Typorohkase eukuru êtohme tõse ya xine aporo.

Mame toytose ropa nohpo tomo pata pona.

Moroto toto osereh mãko kohkorãme to repe eukuru ehxĩpo Mopo se akohkose tykase nary otapapotarỹko re ase tykase apãko ynana nomo pitiko tykase toto eya.

Mame toiro toýtose wekase ytõko ãno tykase esryrhmatoke ke tykase repe apoiko ynanano.

Morara karyke takohse eya toehpukase wewe toto pona emero tõtãpãse toto mame pake re Mopo muruku etapapono tykase akono a.

Yrome tato tanỹse ropa eya ynyhno toko Mopo tykase totoeya ywy ropa ynyhno tykase emero tato.

Toetỹse toko ãke.

Mame toytose ropa osemazuhme munu tonehse toýtory ropa tau otara ruku! Jyhriko toh nae tykase Mopo.

Mame atukura tyrise eya tupuhpy ewarime toehse ropa pata pona rahkene.

Oeh! No ropa xihxi eukuru pana mahpino ahno meta paponu tykase aoryxiry eya aropyra tykase repe kaxiri pana maxihnono tykase toryxiry a.

Eukuru roropa mahpino tykase repe.

Mokãmo oeh! Noko ropa tykase repe.

o arumã



Os Wayana e os Aparai fazem uso de produtos de origem vegetal – madeiras, cipós, enviras, entrecascas, palhas, fibras, resinas, óleos, sementes, caniços – como matérias primas para a construção de moradias e a produção de objetos utilitários ou de conforto pessoal que são de uso cotidiano e também de ornamentos, máscaras, instrumentos musicais e outros artefatos que são empregados nos rituais.

Para a confecção de trançados são empregadas diferentes matérias-primas: as folhas abertas e fechadas de sete diferentes espécies de palmeiras, as tiras de diversos tipos de cipós e os talos de arumã, uma planta herbácea silvestre encontrada em terrenos úmidos da terra firme e que, ao ser colhida, volta a brotar, sendo, portanto renovável.

São conhecidas e utilizadas três espécies de arumã, sendo que o “arumã verdadeiro” – *wama/aruma* – é preferencialmente empregado na produção de artefatos duráveis, resistentes a um uso intenso e cotidiano, como é o caso do cesto cargueiro usado para trazer produtos da roça e que também pode ser feito de tiras de cipó.



LÚCIA HUSSAK VAN VELTHEM

Cesto cargueiro feito com cipó-titica trançado

O arumã representa a matéria-prima mais valorizada, dentre todas as que são empregadas pelos Wayana e Aparai na confecção de artefatos trançados. É também utilizada e apreciada por outros povos indígenas norte-amazônicos como os Tiriýó do do Estado do Pará, os Yekuana da fronteira Brasil-Venezuela e os Baniwa e Tukano do Estado do Amazonas.

Para os Wayana e Aparai, a coleta do arumã é exclusivamente masculina e, para tanto, os homens de uma aldeia empreendem incursões, de modo individual ou em pequenos grupos de parentes próximos. No local onde cresce o arumã as hastes são cortadas, as folhas são retiradas, e os talos reunidos em feixe e amarrados. São transportados desta forma ou em um cesto descartável feito de folhas de palmeira. Antes das hastes serem processadas, o cesto que as contém é armazenado em lugares úmidos, na orla da aldeia, por no máximo quatro dias, pois as hastes apodrecem rapidamente.



Obtenção das tiras de arumã

O arumã necessita de uma preparação inicial para que possa ser entretecido. Os homens Wayana e Aparai conhecem dois tipos de tratamento. No primeiro, os talos de arumã não são raspados e, desta forma, mantêm as suas cascas. Em seguida, uma das pontas é cortada com o auxílio de uma pequena faca. Com a unha do dedo indicador, são retiradas oito ou dezesseis tiras estreitas.



LÚCIA HUSSAK VAN VELTHEM

Início do trançado

O arumã com casca é empregado na confecção dos trançados que devem ser resistentes com os que são utilizados no processamento de alimentos, o tipiti, os abanos, as peneiras.



Finalizando o abano

O tratamento que mantém a casca da matéria-prima produz trançados que apresentam uma cor castanho-avermelhada especial, muito apreciada no objeto recém-concluído, mas que se perde com o uso e a sujeira acumulada.



Tipitis são feitos com arumã com casca

No segundo tipo de preparação, os talos de arumã são raspados com faca e parcialmente pintados com os dedos. Em seguida, após a secagem da tinta, uma das pontas é cortada com uma pequena faca. São retiradas oito ou dezesseis tiras estreitas com a unha do dedo indicador. O arumã pintado é menos resistente, mas é mais maleável.



Com as tiras pintadas são produzidos trançados que reproduzem grafismos, vermelhos ou negros, de acordo com a tintura empregada. Este é o motivo porque na cestaria dos Wayana e Aparai, o trançado e os grafismos são compreendidos como uma e mesma coisa ao contrário de outros objetos, como a cerâmica, em que os grafismos devem ser aplicados, através da técnica da pintura, no artefato concluído





A pintura das tiras de arumã é executada com tinturas vegetais. Uma provém do urucu (*Bixa orellana*), mas a mais comum resulta da mistura da fuligem recolhida em uma panela de argila ou de alumínio, com um líquido (mordente) obtido da entrecasca do ingá do mato (*Inga paraensis*) que é raspada e espremida. Esta tintura, de cor negra, é espalhada com os dedos nos talos raspados e depois de seca se torna permanente, quando então as tiras são retiradas e tecidas.

O arumã é uma matéria-prima valorizada pelos homens Wayana e Aparai porque é resistente, flexível e permite reproduzir grafismos. É também importante porque o arumã é citado nos mitos que descrevem a origem do mundo, e era utilizado desde esse tempo pelos heróis míticos. Com arumã esses heróis conseguiam criar coisas eficazes, como a primeira mulher que soube se locomover e produzir bebidas fermentadas de mandioca. Este mesmo sentido é o objetivo dos Wayana e Aparai na produção atual de artefatos cesteiros. Assim sendo, tudo o que é fabricado deve ter serventia e ser eficiente e, portanto, nunca são confeccionados objetos que não possam ser utilizados.

tipos de arumã (CLASSIFICAÇÃO WAYANA)

WAMAHLE KALANALI

Maa, helë kalanali
wama amat etpitalë.
Helë man ipokela
hapon tikaphamome
taitikililime hapon malalë
mënatakpililike. Masike
ëmekenenpalo man
tikophomo pëkenkon,
tìhulela hampon tikophamo
me esike. Huwa man helë
kalanali eitop.



WAMAHLE TĪKOLOKEM İMĒPĒHTALĪ

Maa, helē wamahle tīklokem imēpēhtalī, helē man ipokla hapon tīkaphamo itohme. Esahmikapola hapon, sakwīhmela esike. Malalē man tihulela hapon, tīkaphamo me aptao taitikililihme. Huwa man helē wamahle tīklokem imēpēhtalē eitop.



WAMAHLE TUNAPATA MAN PONO

Maa, helë wamahle tuna pata man pono, helë man ipok tikaphamo ïtohme: tinkii me, manale me, anapamëi me, pilasi me, katali me, pëmit me, pija eu me, malaka me, kolehmë ihme tikaphamo. Malalë man helë wamahle kolela tuna pata man pono etupaphalalak. Huwa man helë wamahle tuna pano man pono.



WAMAHLE WAPUHTALĪ

Maa, helē wamahle wapuhtalī, helē man ipok tikaphamo kaptohme. Malalē man helē ipok isahmikalīhtao tīsītkele, malalē sakwihme huwa. Malalē tikaphamo me aptao man tihule hapon, ipokan me wama esike. Huwa man, helē wama wapuhtali eitop.



WAMA ITUP PONO

Wama helë utuptali helë pëkëpëkënapë tiweihem helë wama utuptalë ipi man pono.



tipos de arumã (CLASSIFICAÇÃO APARAI)

OTÃTO ARUMA TYOTYORO EHTOPO?

Nae arumã ituhtao, tyotoyro kehko, nae: mukura mosaxine kehko, yrome mamisari esekumurume zuhpokoxi rokene, esary iporiry ena rokene, nae roropa arumanymyry mosaxine pohto rokene, kure roropa tykachsẽme, esary emero rokene: tupitõpohtao, tuna esarymã po, apuhtao, ikuhpoma zomye kehko, ipihpyry topuxixime inũme roropa, okotohkopyra roropa.

Nae roropa arumaimo, kura roropa tykahseme, enery tahpire zary, inũme mesão roropa, zoko roropa kure kure pohtoamo tũporehmesamo, yraro.

MUKURA



ARUMAIMO



ARUMANUMYRY





ALUMANA TĪNA

Upak aptao wēlii itoponpē Tīna ja, akenamehle teponophe inelē, ēnīkīhkupa īwokī īja woki he pētukulunman wahe tīkai inelē mala kaheinē ēliwē taputse eja, wajana katīpīpsik tīhe eja, hawele kokopsik tītēi inelē enei, ēwetomamka tasi ihī jeto man tīkai inelē aptao kuwoki inepta hakula tīkai inelē lep. Ētīkai lēlep inelē ētanīmīhe lēlep lame tenme mēwihnē inelē mala esike tuhmoineē ētanīmīla esike moloinē molopi taputse eja lep. Wajana katīpīpsik, hawele enei tītēi lēlep inelē kokopsik, ēwetomaka tasi kawokī inepta tīkai lep inelē, tītēi lēlep inelē imēpona mēje iwaptao sisi pikat tīkai asimhak tīputilotai umēkēmēla tēkulephe molopi ihem huwa. Moloinē wama pēktītēi hemeleinē wamahkuman ipok tīkai inelē apēkai tītei inelē tēnephe eja, moloinē tīkape eja wajana katīpīpsik tīhe eja, hawele tawainai. Kokopsik tītēi inelē enei wēlii pētuku me inelē ēwetomamka tasi tīkai inelē ihī jetoman tīkai inelē, kuwokīlīpsik enetpa hakula īpona mēlē nai katali. Ē tīkai inelē, maloinē tītēi inelē tumkai eja tēnephe eja pakolo tak moloinē tīpikai tēkeihe kama tīkai hemele inelē. Wama ikaphem mēhe wēlii huwa.

matérias-primas

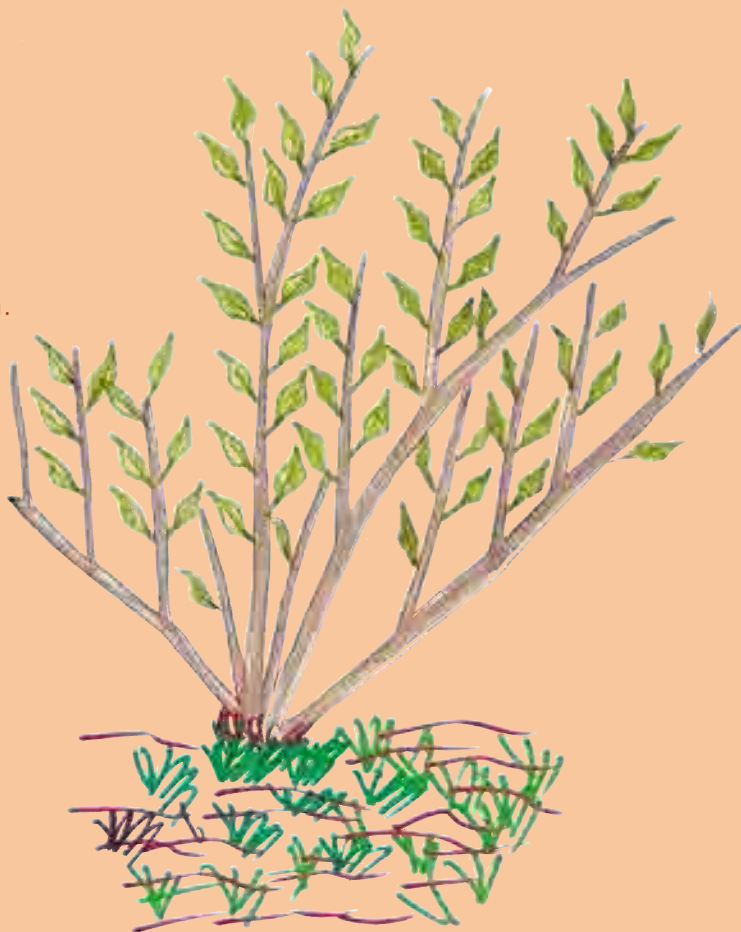
OTYTYKO ARUMA ZONÕME EXIKO, EHPIMATOHME, IWEWERYME?

Aruma ehpimatohme exiketomo: pozepiato, mamiri, pitiru, arumaroï imyhtome yrawa ekûsemy, ipotyryme jawi, pyrou roropa.

Zonõme exiketomo: apulukuni epukuru, onõto, anã ary, azawa, xinukutumame, nãparina erexitory exisemy xinukutumame, ikwepato xinukutume ehtohme.

ÏLAIPU

Maam helë ïlaipu weweptile hapon. Malalë amat etpitailë hapon lëken man ihpe, tuna pata man po, huwa. Ipok man katali epume, manale epume malë. Manale epume aptao, akename pitë tËpëkai, tËpkëlëi ëhepune ëheëhelowao. Moloinë tipuhe wapona ïsapëka malë leken, maka aptao tËmanikhe tËtohme hemele manale pona. Huwaman helë ïlaipu kenanpatop.



PĒLEPIATO

Helē mam ipok pīlasi
etpi me, katali etpi me,
pīlasi tēwalem epime huwa.
Malalē man helē ituhtailēla,
tuna etpime lēken.
Huwa man helē pīlepiato
kenanpotop.



MANI

Helë mani man ipok
manalë epu ïlaipu
maniktohme malalë
kulaiwat maniktohmem epu
pïmïtop. Huwa man helë
mani eknanpatop.

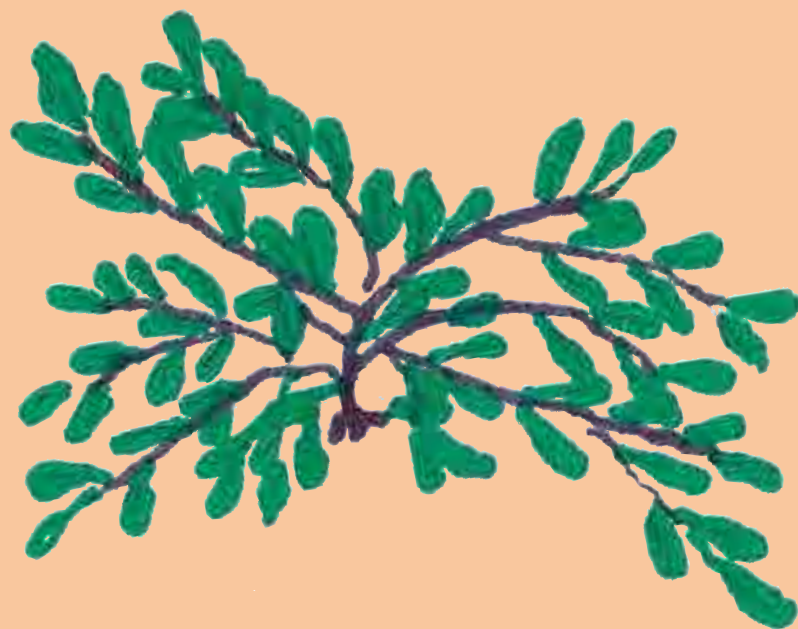


PILIT

Maa helë man ipok pilasi
timilikhem etpimatohme.



ÑANA



YKAWA



PİLĒU MUIWA

Maa, upak wajana tom
pīlēu muiwa kenanpai
pēlēuna ahminme, ma
malalē mēlē tēpīma tapek
tētīlilē mēlē upak aptao,
malonme tēpīmai lēken
man Apalai tomoja. Malalē
ikukpēman ekpitao ipata
eihe, ma malalē anapamīi
epume man ipok helē mar,
pīlēu muiwa kenanpatop
maka.



TALI



MAU

Mau. Maa, wëliham mau
ekumja akawalemunme
malale etpimotohme,
malalë ëhmelë tikaphuma
ekpimutohme man ipok,
helë katip mau akawaleman
kenanpatop.



MAMI MAMILIHLE

Helë mami akiale ituhtali,
helïman ipok manale etpi
lamatop tukmatohme.
Maa helë mamilihle man
amat pata man po, malalë
man wapu pata man po.
Helë man ipok manalë etpi
lamatop tukmatohme.



KULAIWAT KULAIWATĪHLE



KULAIWAT AWAWA ATKĪMAN

Kulaiwat helë tēpīma,
elua kom nepīma, wēlīham
huwa. Hakēne man
kulaiwat. Kulaiwatīhle
mēlē tēkījem, awawa watki
man mēlē ekilimīn. Malalē
mēnepīme einē imē po,
ēutē wala huwa. Akename
mēneke einē, moloinē
sisihnak tihe ahalaptohme
pētukum ikenanpatohme
malē, huwa. Malalē awawa
watki man ipok man paila
ewa ekumtohme, maa,
ētat ewa ekumtohme malē
Wajana ja.



APUTLUKUM

Malalë mënawe euku
eukahtopme malalë talili
man malë mënikloime.



TAPTAHE

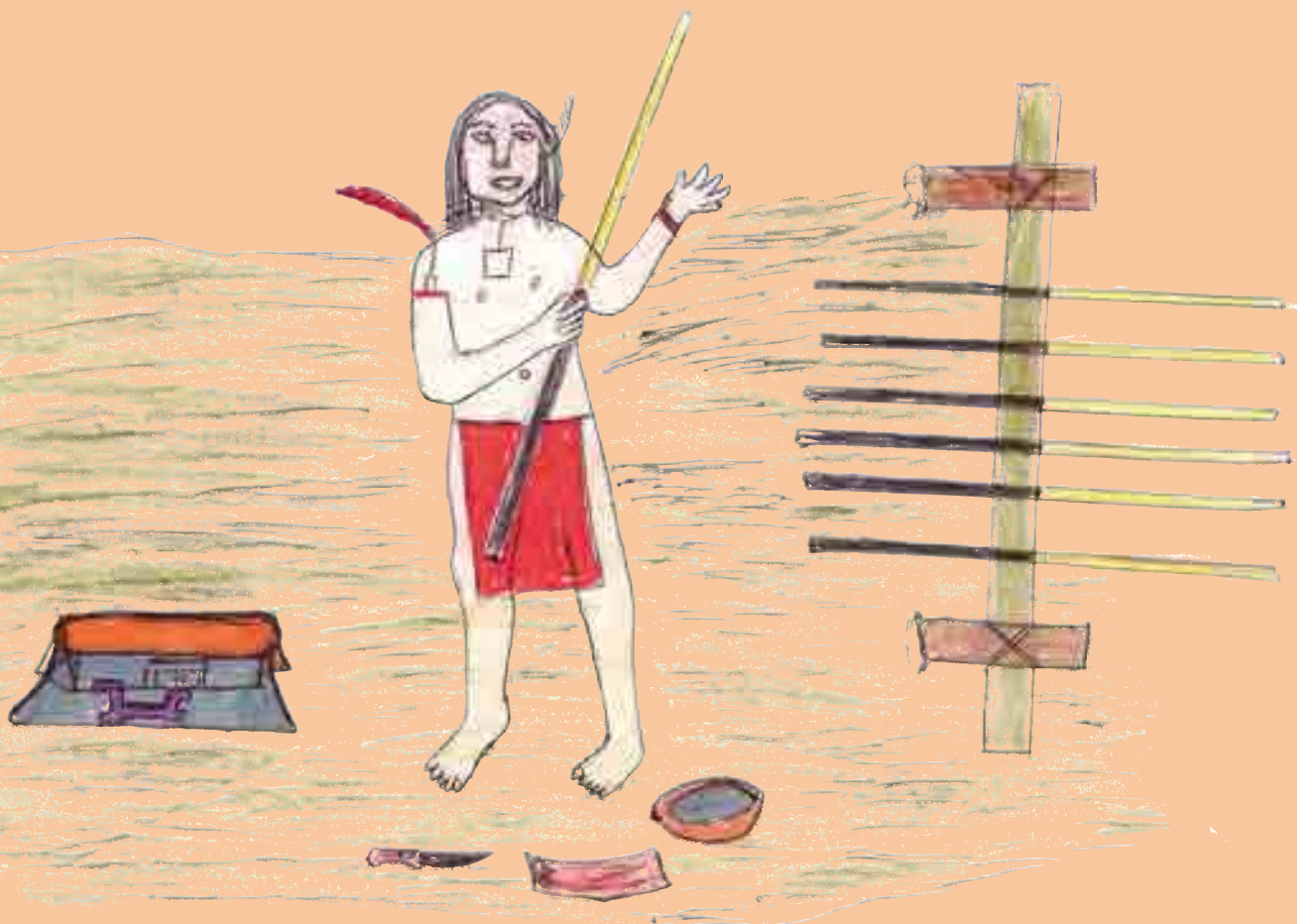
Ikutpë empitalë helë
malalë, uputpï tuwantahek.



OTYTYKOME ARUMA OTYKAHNOKO KEHKO?

Aruma mukuraotykhahnõko matapime, rutome piano enurume, ruto tymerẽme, anapomume, manareme, imepÿ aruma pyrahtao rokene.

Arumanymyry otykahnõko emero tykajsẽme: matapime, manareme, marakame, kataorime, sakarome, oroko apõme, samereruu apõme põtyme, kupixime roropa.



Mẽhe Wajana wama anokne malalẽ mẽnuwanke. Malalẽ pilasime mẽnikanja huwa man mẽhe.



ARUMAKANI

Pake ahtao (inuriury to) ehtopöpyry tokomo maro Omare maro tokomo a toryxiry pyroke toryxiryne Aruma tykahse morotoine tounapumase eya ahnome ehtomo, mame tonyohse eya ytoko kuokuru imukata tykase eya, mame xixi piuka tykamixipose eya konopo roropa tonehpose eya pyaxime toexirykoke morotoino toehse ropa ynororo eukuru tonehse eya, mame tokono tykomase eya tumurukurume, mame ikuhtotyriso eya myipyaxime toehtokö ekuhnoko toehse mame tyryhse myi ako ynororo moroto toehse.

Tuetuekase tykomase ynororo okomino toekyryse ropa motoino toytose rakene tokomo-a, mame akono pyra aoryxiry roke moroto toehse otoko komo nae tykose Aruma kani o pytono tykase aoryxiry oeraximã repe tykase, mame tytemumase eya rueke orutua nohpo orutua nohpo tykase ataoryxiryne toh mana tykase eya ajope mase tykase eya jopyro makene tykase ajohpetokarose eya, mame ypoenoke aroto. Tykase eya morararo jesemary moro akarima mÿmyhpero, moro soromano kaikuxiana esemary tykase eya, mame akono toehse ropa kykomapotou ymurukurume tykase eya ätarykame ytupi exiryke, mame toytose toto tupito pona mame akono otunasetatou tykase okono toytose eukuru enehse, mame ynara tykase okono pyaxime roropa ase asaro tykase tukuratao rokene mame tupukase eya ahtao saereme potu toehse tupito morosa toehse atakomo mäkomo.

o arumã e os saberes artesanais



O entrançamento de fibras vegetais é uma arte masculina para os povos indígenas de língua Carib, como os Wayana e os Aparai, mas a produção de outros artefatos, como a cerâmica, são artes femininas. Essa diferenciação se conecta com a divisão dos papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres, e que se revela em muitos domínios, entre os quais as técnicas manufatureiras. Entretanto, para a confecção de certos artefatos é necessária a cooperação entre homens e mulheres, pois uns devem fornecer aos outros matérias-primas processadas ou instrumentos de trabalho para a excelência do resultado final.

Homens e mulheres wayana e aparai percebem vários aspectos nos objetos trançados: os materiais, as técnicas de confecção, os grafismos, a utilização, as formas e todos eles são importantes para a sua identificação e valorização. Os homens estão relacionados com a produção dos artefatos cesteiros e, portanto, detêm os conhecimentos requeridos: a localização e processamento da matéria-prima, as técnicas de entrançamento, a reprodução dos grafismos, os acabamentos. As mulheres estão conectadas com as diferentes formas de utilizar e armazenar adequadamente os trançados nos roçados, nas cozinhas.



Os diferentes domínios de saberes faz com que os homens denominem um artefato, sobretudo de acordo com a matéria-prima de que é feito ou então pelos grafismos que possui. As mulheres, contudo, consideram antes a sua utilização, seja enquanto recipiente para guardar coisas ou como meio para transportá-las, ou ainda como elementos que permitem processar a mandioca brava e outros alimentos destinados à subsistência. A designação particular de cada artefato é empregada tanto por homens, como por mulheres.



Os trançados indígenas são produzidos a partir de técnicas de manufatura que empregam tanto as mãos como os dedos. Para os Wayana, os gestos que são necessários para a confecção e arremate dos artefatos, permitem identificar as diferentes técnicas artesanais. Desta forma, a cestaria, a cerâmica e a tecelagem compacta são categorias artesanais designadas pelo mesmo termo – *tikaphé* – porque essas técnicas empregam as duas mãos em movimentos que são parecidos, e não porque consideram que fazer cestos seja igual a fazer potes ou tangas de miçangas. A necessidade de usar ambas as mãos indica que a cestaria constitui uma técnica na qual se trabalha intensamente, ao contrário daquelas que empregam apenas as pontas dos dedos, como a colagem de penas.



Os trançados dos Wayana e Aparai são produzidos a partir de diversas técnicas de entrançamento, as quais são por eles agrupadas em duas categorias abrangentes, denominadas *warumë/tumeh*, os de trama fechada e *kalalaimë/kararaximeh*, os de trama aberta. Os objetos de cestaria que empregam técnicas de trama aberta são mais rápidos e fáceis de serem confeccionados, mas aqueles que empregam técnicas de trama fechada são mais complicados e requerem um longo aprendizado.

A dificuldade na confecção de um trançado é medida tanto pelo número de preparativos para que a matéria-prima possa ser trabalhada, como pelas etapas - o início, o entrançamento das tiras, a colocação de varetas de sustentação, de alças, dos acabamentos - que são necessárias para a conclusão de um artefato trançado. Assim, para os Wayana e Aparai, quanto mais há por fazer, mais difícil é a confecção de certo objeto. Os paneiros de trama aberta, as esteiras e os abanos são menos elaborados e mais facilmente executados e, assim são os primeiros objetos a serem aprendidos.



LÚCIA HUSSAK VAN VÉLTHEM

Um artefato de confecção laboriosa é principalmente aquele que possui inúmeras etapas para ser concluído, emprega matérias-primas diversificadas e apresenta múltiplos grafismos. Este é o caso de um tipo de cesto cargueiro, referido como “cesto cargueiro pintado” e que é muito valorizado por suas qualidades técnicas e estéticas. A fabricação deste cesto requer um acúmulo de conhecimentos especializados: botânicos, técnicos, estéticos e simbólicos, e no presente são poucos os homens habilitados a confeccioná-lo.



Para os Wayana e Aparai, o período mais propício para a confecção de trançados é entre a derrubada e a queima dos roçados, ou quando os troncos queimados estão esfriando. O espaço onde são produzidos os objetos trançados é bem determinado. Os homens casados trabalham no terreiro que circunda as casas de moradia, sentados em bancos ou então se abrigam na casa comunal, *tukusipan/porohtoh*. Solteiros e casados, contudo, dão preferência a tecerem sentados em torno do fogo de aquecimento, aceso no centro do terreiro, por representar um espaço eminentemente masculino. O alvorecer do dia é considerado um momento especialmente apropriado para a confecção de trançados, uma vez que as matérias-primas estão flexíveis após receberem o sereno da noite.



Em alguns períodos, a confecção de cestos pode representar uma atividade diária para homens e rapazes, porque esses objetos constituem uma importante fonte de renda ao serem vendidos em Macapá, tanto no comércio regional, como por meio da associação indígena APIWA.

Para a fabricação de artefatos de diferentes materiais, regras são obedecidas e técnicas devem ser dominadas. Para os Wayana e Aparai os conhecimentos técnicos, – saber fazer – constituem o resultado de uma transmissão social em que o pai, os tios, os avós iniciam um jovem e a mãe, as tias, as avós fazem o mesmo com as moças.

Quando nasce o primeiro filho, os trabalhos de cestaria devem ser suspensos pelo pai, sobretudo os que empregam as talas de arumã. Caso esta regra não seja obedecida, o entrançamento das tiras poderá afetar o recém-nascido, acarretando-lhe doenças.

Os objetos trançados que são fabricados pelos Wayana e Aparai, tanto os de uso cotidiano como os empregados nas cerimônias e rituais, estão conectados aos sistemas de crenças, o que permite compreender aspectos particulares da apreensão do mundo material. Assim, para esses povos indígenas, o aspecto formal dos objetos é baseado em um modelo, e assim reproduzem os corpos de seres que viveram nos tempos da criação do mundo. Nestes tempos, as coisas tinham vida, se locomoviam e agiam, como as flechas que caçavam. Nos tempos atuais, por exemplo, uma determinada peneira circular possui o aspecto de uma “cobra grande” enrolada, e um cesto de trama aberta reproduz o formato do papo do urubu-rei, todo perfurado pelos vermes de que se alimenta. Entretanto, nenhum dos dois artefatos age agora como os seus modelos, porque como informam as narrativas míticas, essa capacidade foi perdida.

Outra importante característica dos objetos trançados dos Wayana e Aparai, decorrente desta concepção é a grande variedade das formas: cestos, cestos cargueiros, peneiras, esteiras, tipitis, abanos que indicam usos e funções que são igualmente diversificados.



ANAPAMU

Mame aruma pokase ytöko.

Exino ituhtaka.

Tykahtohme anapamu me mame tonese aruma ahtao apokãko mã exino rahkene mame apokaxipo ytöko rapa.

Mã exino.

Pata pona ropa.

Mame aruma wahkako mã exino.

Tykahtohme anapamu me mame töttyhka tykapyry poko ahtao ehpinöko rahkene.

Wyi ekyitohme te apoto zukatohme. Ynara kure mana anapamu.

Mame töttykase erohtohpoko ahtao erohkety ikarako ropa mana tapyi taka ropa.



Maa, mëhe wëlii wama kaphem tïnkii kenanpanëpëk man, malalë man hëlë tïnkii ipok ulu euhkalohme, kutuli euhkatohme huwa, malalë tupakahtai tïnkii aptao kalapa euhkatohme man ipok, helë katip man tïnkii kenanpatop, maka.



OMOPALA TOLOPIT

Malonme titei injata, enetop tapitlep enjala lija Alimiwëi lëken titëi injata Omopala enetop tapetlep. Epale lëken titei injata.

Malonme tumikëmëliptau huwa tëkai injata ëmehe ene tïkai Inajata Omopala ja ilome apëi tohpunela kunehak Omopala ja, huwa tïkai lëken, kuenei mëjai. Malalë kuwïjai tïkai inëlë, malonme waptëlisik iwei tëlëpoi eja, malalë ikopë tëlïpai eja malonme.

Kumupëk Inajata titëi, malonme Injata tïhanuhe Kumupëk aptau kawë aptau, Omopala ja tenei tïneimëi, huwa tïkai Omopala ma kueneimë tïkai Injatalija lome huwa tïkai injata Omopalaja kuni, inepïpitë apëikë tïkai Inajata eja, jëtohme ëja tïkai inële Omopala ja, malonme ëpëikëma kuni tïkai Injata eja malonme kumu talimahpoi Injata lija epona malonme Omopala tïtëmëkhe malonme Inajata tëvepeimëi inëlë.

Lome ëhekalëla, inëlë tïwekï tomoja. Malonme wantëlëpsik eneimë titëi inëlë. Ìmëme tëveitïhe Omopalakpëk.

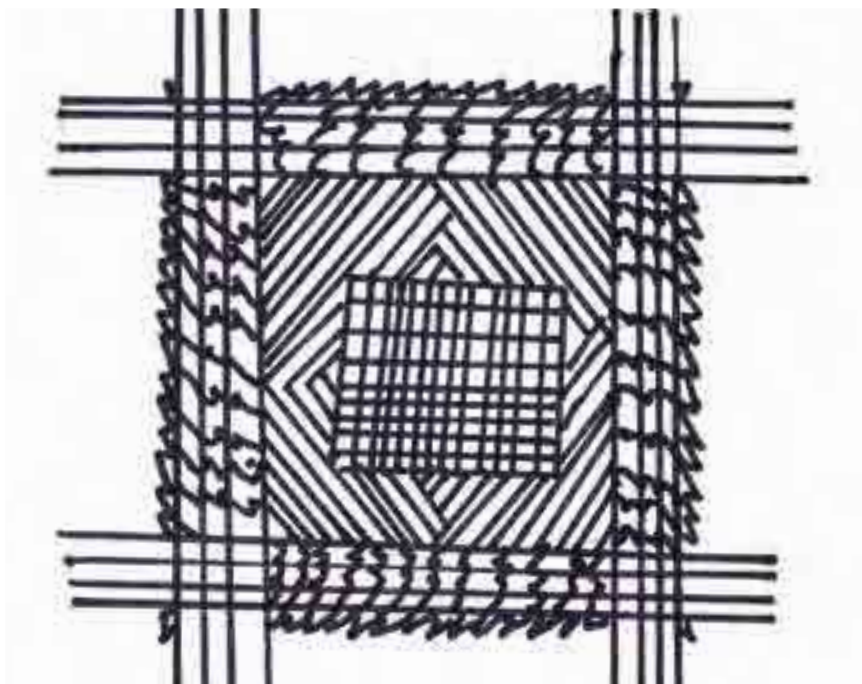
Malonme malasia emehe lek inëlë lome huwa tïkai malasia ëtïli lahnëwai tïkai malasia, malalë jolomo upëtïhe inëlë lek maka tëpïhen tampet wae upëkselek titëi inëlë lek huwa tïkai ehnaï tïjeitëpïhek wai tïkai kolesik tïnhe aptau tëmei hemele eja lome mëlë tënëpoi esike katop momoja esike tihe ulu akï, lija Omopala ekïja mëlë.

usos e funções dos trançados de arumã



No contexto da vida na aldeia, os artefatos trançados expressam saberes artesanais especializados, assim como revelam a divisão do trabalho entre homens e mulheres, o que é próprio das sociedades indígenas amazônicas. Entre os Wayana e Aparai, esses objetos indicam a diferença que existe entre “fazer” e “usar” e que é própria da vida matrimonial e familiar. Neste sentido, e em princípio, os homens são por excelência os produtores de objetos trançados e as mulheres aquelas que os usam. Esta regra não é rígida, pois alguns trançados são utilizados pelos homens em determinados momentos e algumas mulheres executam certos tipos de artefatos trançados.

Para os Wayana e Aparai, um artefato só é apreciado quando o mesmo está completo e, portanto, concluído. O objetivo da produção de um objeto trançado é a possibilidade do mesmo ser utilizado: o cesto cargueiro para transportar mandioca ou lenha, o tipiti para espremer a massa de mandioca, a peneira para peneirar a massa que sai do tipiti, os cestos para guardarem frutas ou batatas doces ou, quando elaborados, para acondicionar fusos e novelos de algodão. Portanto, para os Wayana, todos os objetos que fabricam são “úteis” – *pëtukutom* – uma identificação que é pouco usada, uma vez que não existe a possibilidade de fabricarem artefatos inúteis ou imprestáveis.



Desenho de peneira



Há vários tipos de peneira destinados a diferentes funções

A utilização deve ser dotada de especificidade e de propriedade para poder valorizar esteticamente um artefato. A primeira característica pressupõe que o uso de um objeto é limitado, tanto no cotidiano quanto no ritual. Artefatos trançados que possuem uma única função, como a peneira usada para peneirar massa de mandioca, são mais apreciados do que os cestos que servem para carregar diferentes tipos de frutas. A propriedade ocorre quando o objeto está sendo utilizado de modo correto, na atividade para a qual foi confeccionado.

A propriedade no uso de um objeto de cestaria está muitas vezes descrita em seu nome e, assim, um cesto designado em wayana como *napienë*, "continte de batata-doce" só é apreciado se efetivamente estiver repleto dessas batatas.

Na vida cotidiana muitos objetos trançados são ainda utilizados pelos Wayana e Aparai. Intermediam relações familiares e, ao receber um trançado do marido ou do filho, as mulheres wayana e aparai passam a serem as suas possuidoras, as suas "donas".

Esses objetos vão ser utilizados no preparo dos beijos de mandioca ou dos fios de algodão ou em outros afazeres da vida doméstica. Os objetos trançados recebidos também podem ser vendidos ou ofertados, ou então serem consertados quando se estragam, e finalmente jogados fora quando suas donas os consideram velhos e sem serventia, obrigando assim seus maridos a confeccionarem novos objetos de fibras de arumã.



O primeiro artefato que uma menina recebe é um diminuto cesto cargueiro ofertado pelo pai por volta dos cinco anos. Este cesto se torna ao mesmo tempo brinquedo e forma de aprender a executar certas tarefas femininas. Constitui sua propriedade individual e assim ela pode dispor do mesmo de acordo com sua vontade. À medida que cresce, recebe outros objetos do pai ou do irmão mais velho, os quais são adaptados ao seu tamanho, permitindo assim o aprendizado requerido para a vida adulta.





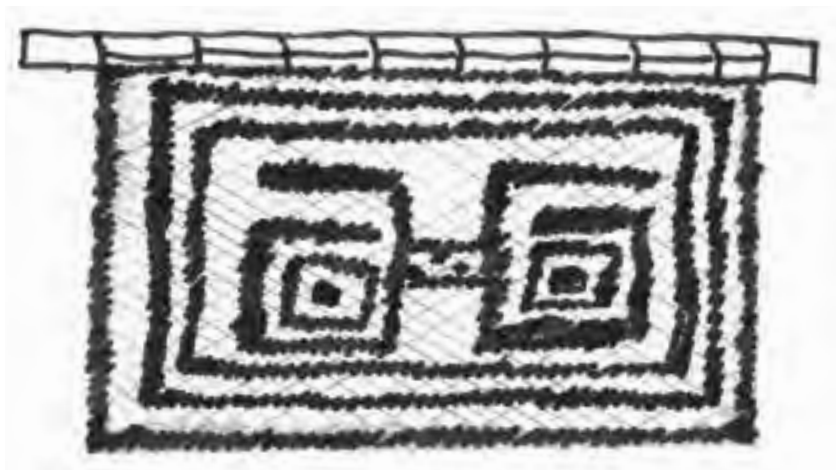
Ao casar, uma mulher deve receber do marido os artefatos necessários ao processamento da mandioca brava, a saber, cestos cargueiros, peneiras, abanos, esteiras e tipitis. Pode também obter objetos trançados com finas talas de arumã que apresentam grafismos e que se destinam ao acondicionamento do algodão e dos instrumentos empregados em sua fiação. O processamento da mandioca e a fiação do algodão compreendem duas importantes atividades femininas, relacionadas com o casamento e a vida em família. Os objetos pessoais de uma mulher diminuem com o passar do tempo, reduzindo-se a poucos exemplares na velhice.



Desenho de um maraca, brinquedo feito com arumã

O intenso uso de um objeto trançado pode danificá-lo, tornando-o pouco apreciado, entretanto nem sempre o mesmo perde a utilidade, pois as necessidades cotidianas e outros fatores determinam que seja consertado e reaproveitado pelas mulheres wayana e aparai. Assim sendo, alguns trançados tem a forma original restabelecida, outros são empregados em funções diferentes, como um abano de cabo partido que se torna o assento de uma criança.

O uso permite estabelecer uma forte ligação entre as pessoas e os artefatos de cestaria. Desta forma, não é permitido queimar, destruir e enterrar objetos em uso, pertencentes a pessoas vivas, pois estas podem ficar entevadas ou envelhecerem antes do tempo. Por outro lado, os objetos trançados, gastos pelo uso, devem desaparecer pela ação do tempo e assim são jogados na área que circunda a aldeia.



Desenho de abano

A morte de um artesão condiciona a destruição de todos os trançados que confeccionou, pois nada deve permanecer como lembrança. Uma exceção é a cesta retangular de tampa encaixante que acondiciona os ornatos de penas, que é repassada ao filho mais velho.



Tipiti muito gasto, impróprio para uso, jogado na cercania da aldeia para apodrecer



Cesta retangular *pakala/pakara* para guardar ornatos de penas. Geralmente essas caixas podem ser vistas dependuradas dosalto das abóbodas das casas comunais



OTÄTO ARUMA KAHSE KENAPATOPO?

Aruma kahsemy kure wyi eukatohme, wyi nohtohme, eukuru ahpitohme, apoto zukatohme, aixi ěme, otytyko arotohme, otytyko ěme, kataorime, rutome, otykahnõko tymereme, tymerěkarame, ynara.



ANAPAMĚI

Helě anapaměi ipok man ulu ekeitohme, malalě wapot awohwokatohme, kanawa ahkom awohwokatohme huwa.

Huwa man helě anapaměi kenanpatop.

WĚLĪI ULU EKEINE ANAPAMĪI KE

Maa měhe, wělĪi ulu ekeine anapěmĪi ke! Wama ĩkaphemke helě man ipok wapot ukatohme.

Kanawa ahkon awohwokatohme huwa.



UPAK APTAO WAMA KAPHEM ALAKWAME

Ma, akename upak aptao talukmamhe, eheluwau ikohmantop katip, molo tëhelephe wajana tom, malonme wajana tëwepohnëphe tipatakem, titei inëlë pijasija, tikaï inele tanmapa kutatëi awainapolanma? Tikaï, inëlë pijasija, malonme tëpënuke pijasija , uwa kalukmantëu lëken, lome awainai mëtohme wama lëken tikaïptëk Alakwame tikaï.

Malonme titei inëlë tipakolontak, malale pijai titei akëlë, epai, tikaïpoi huwa moloinë tipata kemija tikaïphe, malalë kama tikaï inëlë.

Malonme pijai tikaï eja: - Alëta lamna pona, malalë ahmit me misatukmei, Kumakapsik ipkëlëtpi pona, malalë mijai sisi ekatatop enpatak tikaï.

Malonme tëlëi tipatakemija, tisaïtukmai huwa, moloinë titeimeï inëlë tipakolontak.

Malonme awaitop mejela tëwetihe aptao Alakwa kaphem tëtappanhe hemele.

Moloine tawainaimëi hemele, ehëpitihnë ikohmamtop ëtipolihtaï.

Moloinë tipatakem tikaï: - Ahpeha ka neha pijai! Tikaï inëlë, tëhewakmai, tawainai mëi esike.

Huwa man mëhe upak aptao wama kaphem Alakwame ekalëtop wajanaja.

os grafismos dos trançados



Um elemento que é particularmente saliente na cestaria produzida pelos Wayana e Aparai são os elaborados meandros negros que se sobressaem em um fundo claro e que condensam os sentidos de grafismo, desenho, padrão, decoração, representação. Para os Wayana, cada grafismo é denominado de *milikut* e para os Aparai, *menuru* e são importantes porque são portadores de significados e de princípios fundamentais do pensamento indígena. Nas escolas, estabelecidas nas aldeias depois do contato, estes termos indígenas passaram a nomear a escrita.

Para os povos de língua Carib, como os Yekuana, os Tiriyo, os Waiwai, os Kaxuyana, os Wayana e Aparai uma serpente sobrenatural constitui a figura central das narrativas míticas que descrevem a obtenção da cestaria e dos seus grafismos. Para os Wayana e os Aparai trata-se da “cobra-grande” *Tulupere* e suas pinturas corporais foram vistas e copiadas nos tempos da criação do universo. Os grafismos encontrados nos artefatos elaborados pelos Wayana e Aparai são compreendidos, portanto, como pertencentes ao repertório das pinturas corporais deste sobrenatural.

Os grafismos destinam-se ao corpo humano e aos objetos de todas as categorias artesanais, femininas e masculinas. Os trançados de do universo arumã exibem, entretanto, o mais numeroso e variado conjunto. Isso acontece porque as técnicas de cestaria permitem evidenciar um aspecto importante que é a distribuição das pinturas da “cobra-grande” em seu próprio corpo. Assim, no seu rosto, flancos e torso estão distribuídos os grafismos que são reproduzidos com arumã pintado, por meio da técnica de trama fechada. Na cauda e membros estão os grafismos que são constituídos com técnicas de trama cerrada e também vazada e que empregam o arumã com casca, não pintado. Estes grafismos só podem ser apreciados no lado externo dos objetos trançados.



Abano feito com arumã com casca, não pintado

O ventre de *Tulupere* estava pintado com padrões especiais. Quando reproduzidos em um artefato de cestaria podem ser vistos tanto na parte interna quanto na externa. São apontados como sendo os mais belos e complexos grafismos dos Wayana e Aparai e são reproduzidos apenas pelos mais habilidosos artesãos. São dispostos nos cestos cargueiros decorados, e também em cestos quadrangulares e em adornos de máscaras.



Um cesto *pëmut* (*wa.*) *pōty* (*ap.*), anverso

Muitos fatores influenciam na escolha de um padrão a ser reproduzido em um trançado, tais como a facilidade de execução, seu conhecimento, se é apropriado para o objeto que se deseja confeccionar. No resultado final são especialmente apreciadas a sua proporção e o ajuste correto das tiras de arumã, ou seja, a habilidade técnica.



Um cesto *pêmut* (*wa.*) *pôty* (*ap.*), verso

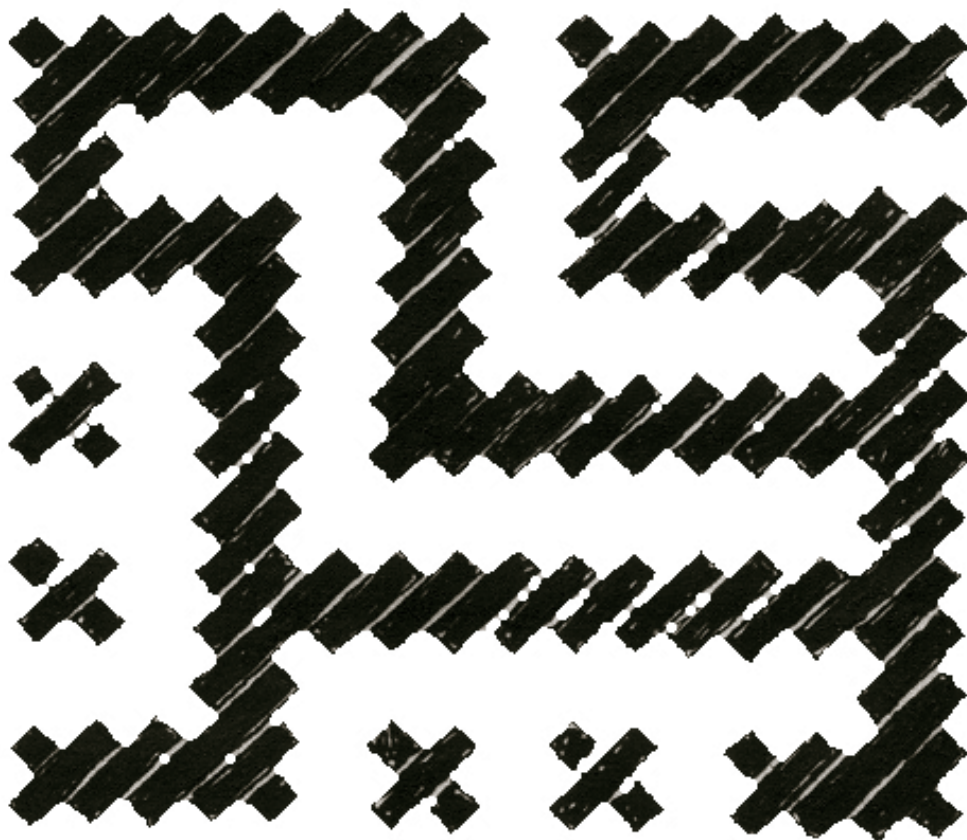
Os grafismos que são apreciados nos objetos de cestaria apresentam-se como se fossem geométricos, estilizados, por causa da própria natureza do trançado, sem linhas curvas. Entretanto, os meandros negros que se sobressaem seriam também figurativos e isso significa que representam alguma coisa. Desta forma, podem ser encontradas as representações de um vegetal, de um animal, como de outros seres que povoam o mundo dos Wayana e Aparai, inclusive e, sobretudo, os seres sobrenaturais.



Desenho de cesto com padrões gráficos

Essas representações se apresentam de duas formas. Em uma delinea todo o corpo do elemento representado, em outra, apenas uma parte do corpo. No primeiro caso, a característica que identifica um animal, vegetal, sobrenatural faz parte do conjunto representacional, mas no segundo caso são reproduzidos apenas os traços definidores destes elementos, tais como a raiz do arumã, a cauda do quati-puru, as asas abertas do gavião tesoura, as duas cabeças das onças sobrenaturais.

Os grafismos produzidos pelos Wayana e Aparai revelam a existência de um sentido "narrativo" que repousa no fato de que muito embora um grafismo seja visto como um todo, na realidade ele é constituído de diversos elementos que se conjugam. Assim, nos grafismos, podemos encontrar os motivos principais e os elementos subsidiários que possuem funções adjetivas, os quais fornecem informações sobre os motivos principais.



O grafismo acima representa um pequeno roedor da Amazônia, o quati-puru. É denominado pelos Wayana como *meli* e Aparai *meri*. O grafismo apresenta-o de perfil, com a longa cauda cobrindo o dorso e voltada para fora, como é hábito deste animal em repouso. Entre sua cabeça e a pata dianteira estão representados os frutos de pupunha que está roendo e entre suas patas aqueles que irá roer posteriormente.

Entre os povos indígenas no Brasil, as pessoas que produzem cestos e outros artefatos de cultura material procuram encontrar respostas para um número de pressões que alteram radicalmente tanto o que produzem, como a maneira em que os mesmos são avaliados, trocados ou vendidos. Durante longo tempo, formas, matérias-primas e grafismos foram apreendidos através do contato com outros grupos indígenas. Entretanto, mais recentemente esse processo se acelerou e passou a incorporar materiais e objetos encontrados em lojas urbanas, bem como em outros contextos, como o dos museus, com o crescente acesso dos povos indígenas às coleções etnográficas, a livros e catálogos de exposições. Esses movimentos envolvem não somente a introdução de novos elementos, como também o deslocamento dos cestos para fora do contexto da aldeia, para um espaço em que atua de modo significativo o mercado que comercializa os objetos indígenas. As iniciativas de instalação de museus e centros culturais indígenas constituem em importantes espaços de autodeterminação para esses povos, nos quais os artefatos de cestaria, de cerâmica, de tecelagem, de plumária, encontram a possibilidade de exercer um importante papel na valorização dos conhecimentos e das memórias indígenas.



WĪWĪPSIKME

Helë wama kaptoponpë Wĭwĭpsikme upak.

Maa, upak aptao kunuhak Wĭwĭpsik ihpe kunuhak lome tēwahe inēlē, malalē mēklē ewaheinē tĭkohmamhe jumelē masike pĭjai tĭtamĭkpai, malonme tēhetĭhe inēlē malalē iwehetĭtop jao huwa tĭkai.

Tĭmĭjakanmai ĭwaptao lēken mēnawaine, malalē wama sahmitpë tĭkaptëk mēlē tĭkaphe aptao lēke mēnawaine. Tĭkai pĭjai ehetĭtop jao, malonme wama sahmitpë tĭkaphe hemele tolopĭtme, ma mēlē kapheinē pĭjasĭja tapunkai moloinē tanuktai Wĭwĭpsikme malalē tĭtĭi inēlē tumholopholop tĭkai inēlē malonme tawainai hemele mēlëkom ĭheinē. Helë katĭp kunuhak upak aptao.

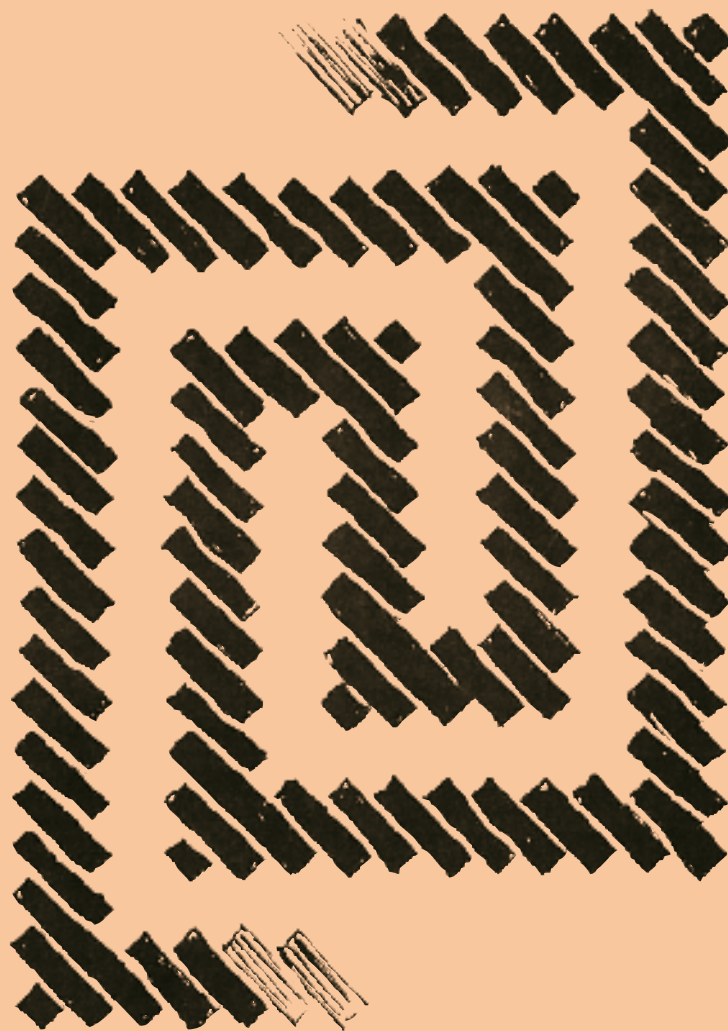
catálogo de grafismos



Os grafismos empregados pelos Wayana e Aparai constituem uma arte que é representacional, descritiva e que se expressa visualmente através das linhas do desenho. De um modo geral, cada grafismo pode ser determinado com exatidão e assim é raramente confundido com outro, sobretudo porque seu aspecto e denominação são variados.

Certos grafismos são reproduzidos em um único tipo de artefato de cestaria, como é o caso de "rastros do caramujo" – *akunwaiak/opatamenuru* que é exclusivo de um abano de arumã que leva este nome. Outros grafismos, entretanto, podem ser encontrados em distintos objetos e são executados com diferentes matérias primas. Este é o caso do desenho "pés de arara vermelha" – *kuzari puupu/kusi pupuru* que é conformado com tiras de arumã em cestos de bordo circular ou em peneiras, ou com folhas fechadas da palmeira bacaba em cestos quadrangulares e cestos platiformes, que servem para acondicionar os beijus de mandioca brava.

A apresentação de alguns dos grafismos de cestaria, confeccionados com arumã pintado, não obedece a nenhuma ordem, mas procura destacar apenas a sua beleza estética e variedade.



AKUN WAJAK (W) OPATA MENURU (A).

Rastro de caramujo.

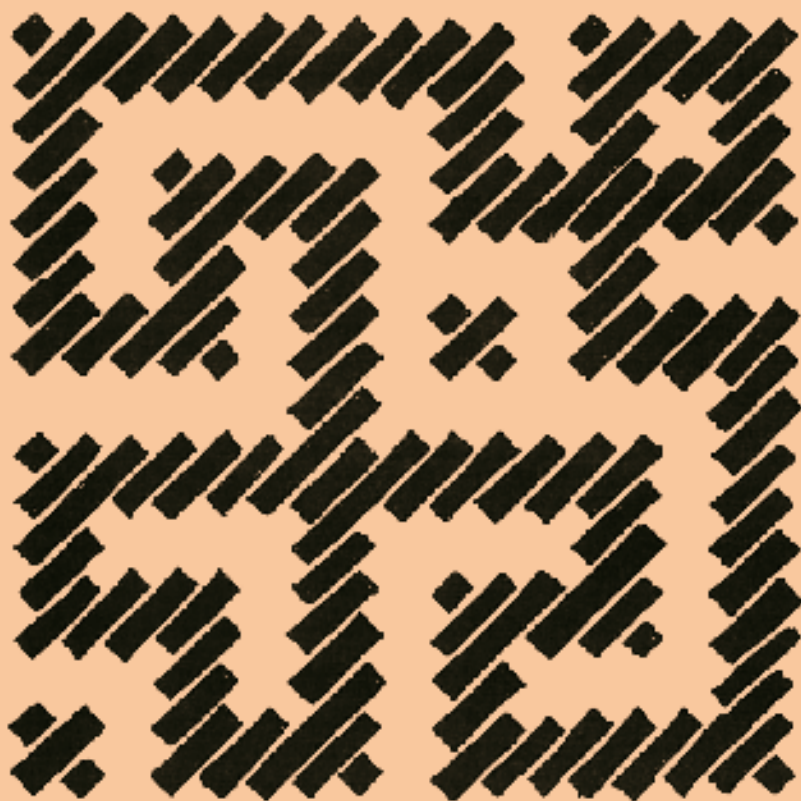


ALAMA EMNA HOLON (W) ARAMA EUNA SORONE (A).

Entrada do casulo da abelha arama.



HOLOLO İHMİT (W) PONA ZUNUTE (A).
Penas de topete de inambu.

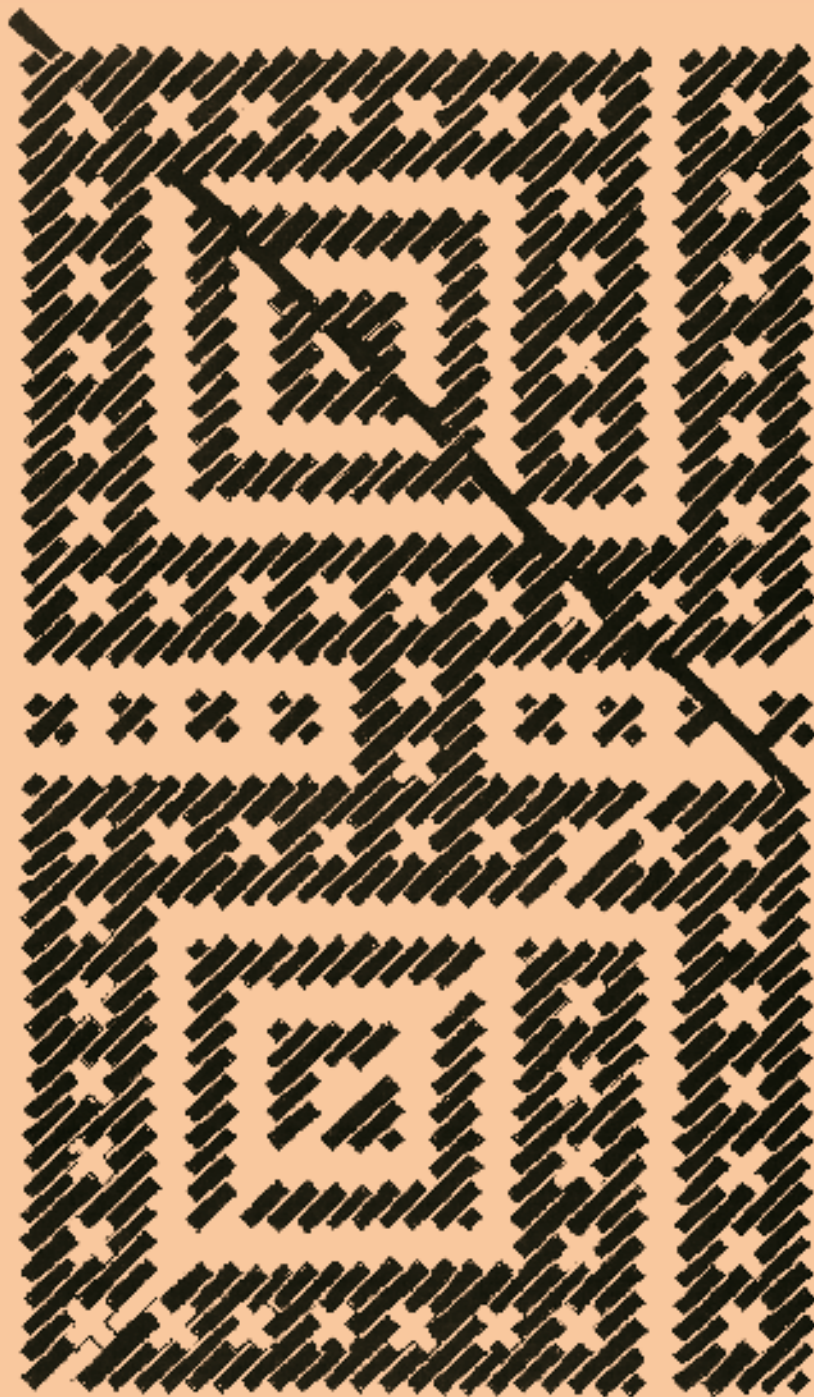


HULUKULU (W) EREKOKO (A).
Andorinha.



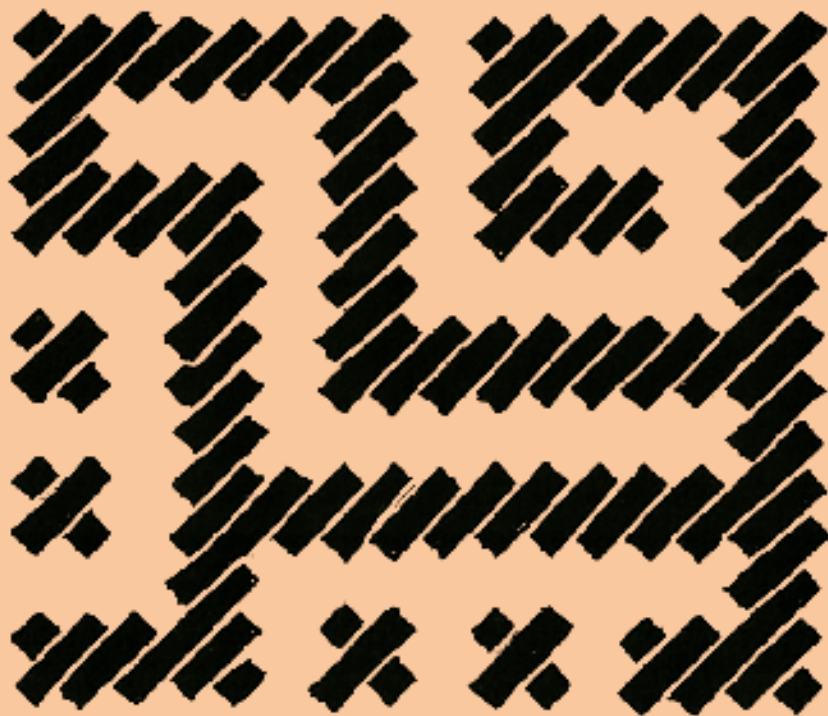
ILIKAI (W) IRIKAI (A).

Peixe-gato (bagre) inserido em seu antro.



KAIKUI APOEKA (W) KAIKUXI PARITA (A).

Onça/ente sobrenatural bicéfalo.

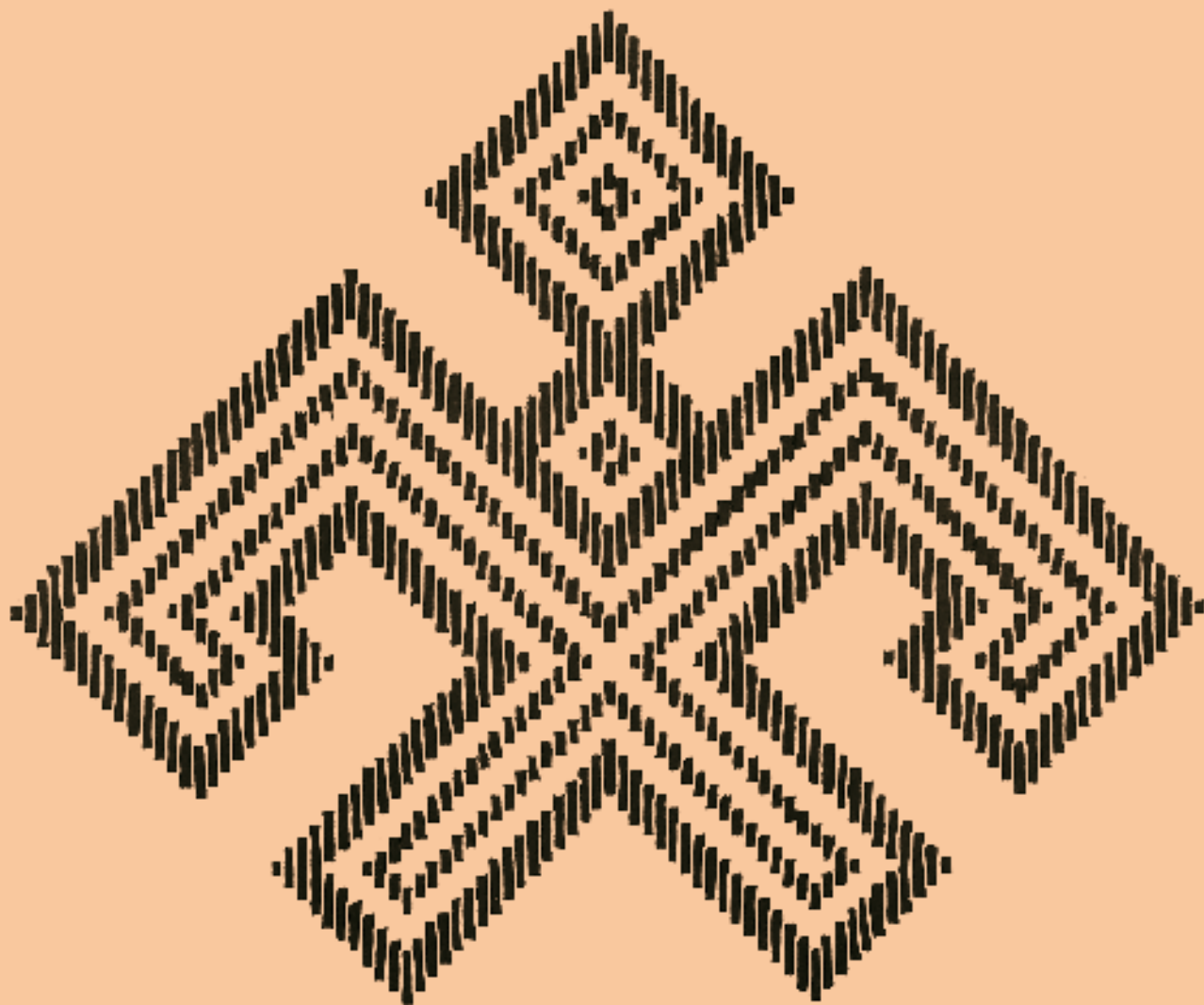


KAIKUI (W) KAIKUXI (A).
Onça pintada/cachorro.



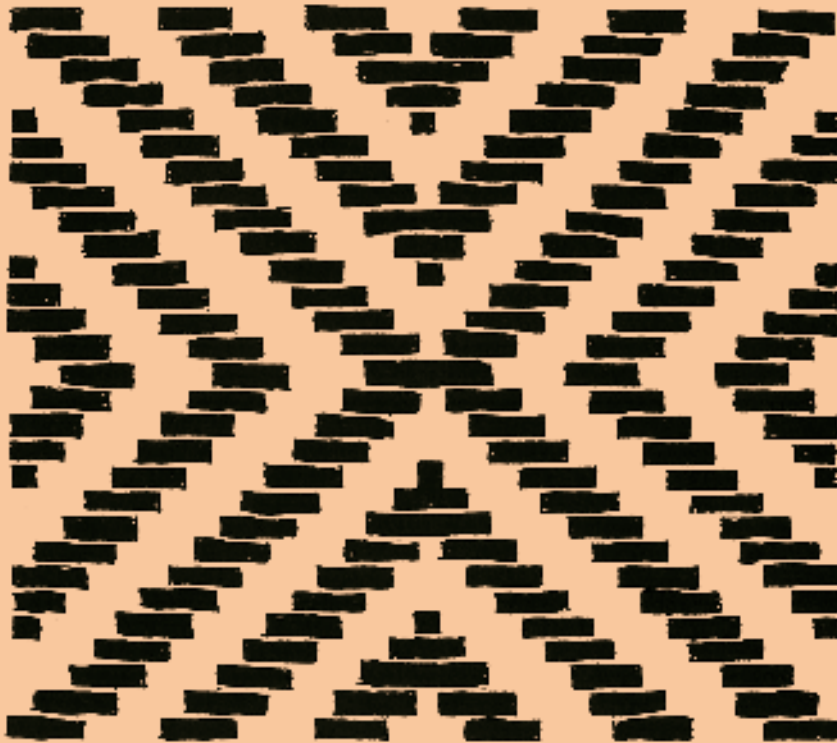
KULIPUTPĚ (W) KURIRU PITPURE (A).

Casco de Jabuti.



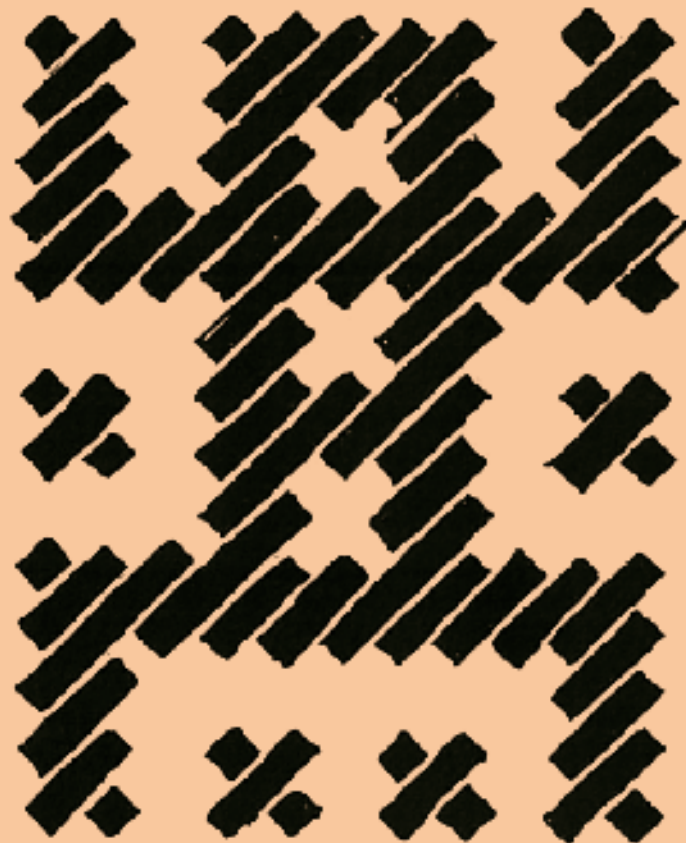
KUMALAK (W) KUMARAKO (A).

Gavião-tesoura.



KUZALI PUPU (W) KUZAI PUPURU (A).

Pés de arara-vermelha.

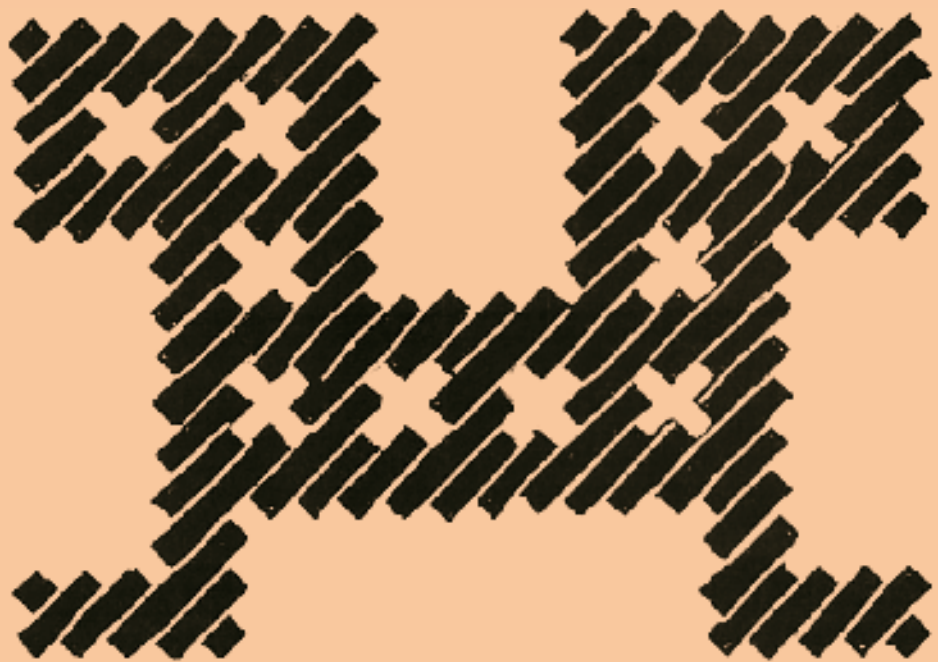


KWA KWA (W) KWARA KWARA (A).
Rã.



MAMIMAN (W) MAMIRIMANO (A).

Rolo de cipó titica.



MATAWAT (W) ATĀTA (A).

Larva de borboleta (modalidade *taririman*, preto).



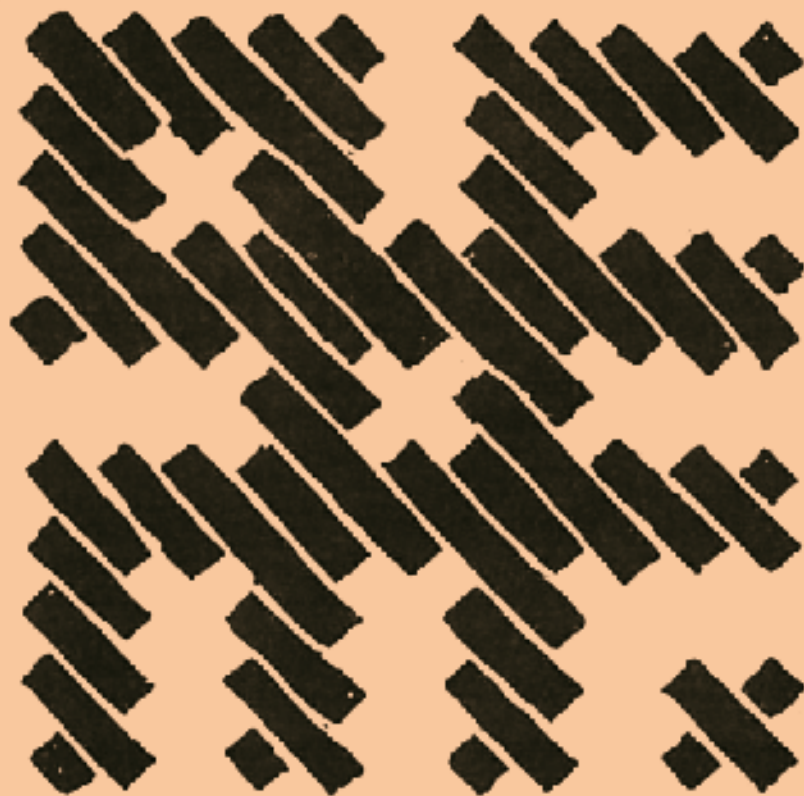
MEKUWAT KILILIN (W) MEKUARO MIRINE (A).

Rabo enrolado do macaco-prego. Duas formas de representação.



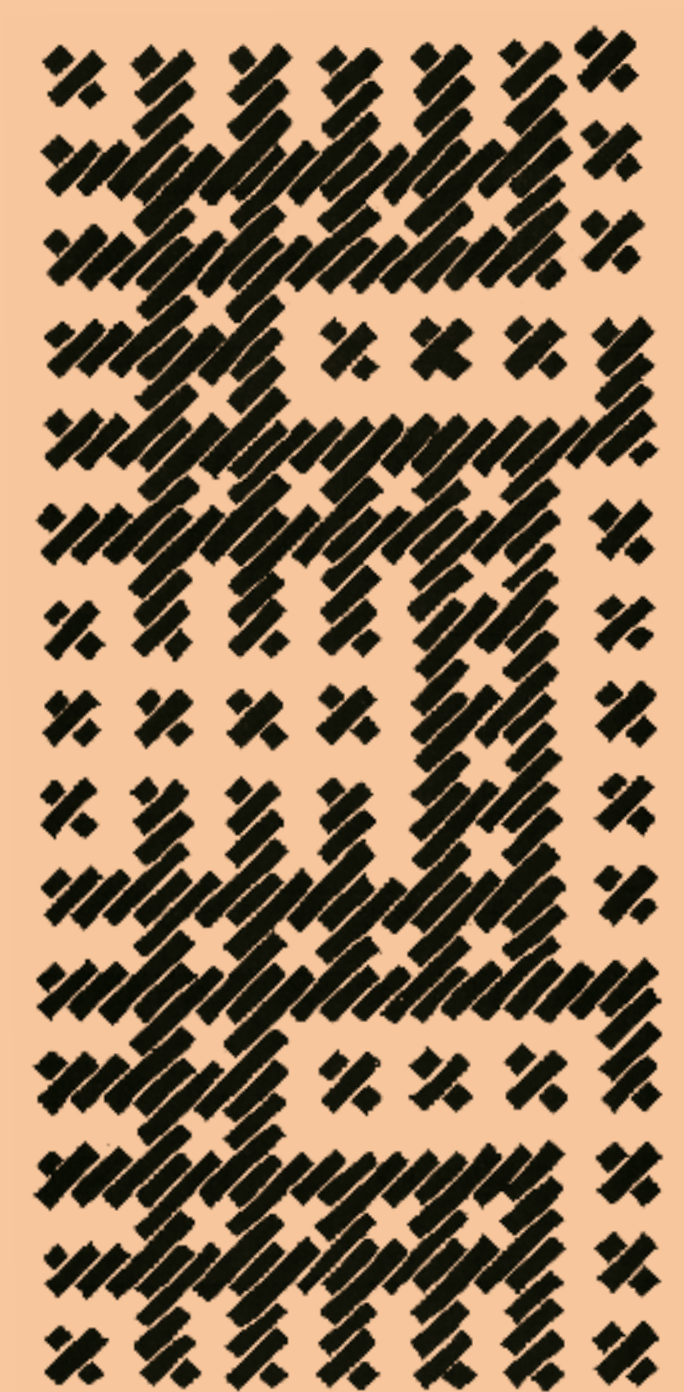
NAPIAKĚ (W) NAPIAKO (A).

Larva de borboleta de batatarana.



PALAPI (W) PARAPI (A).

Andorinhão.

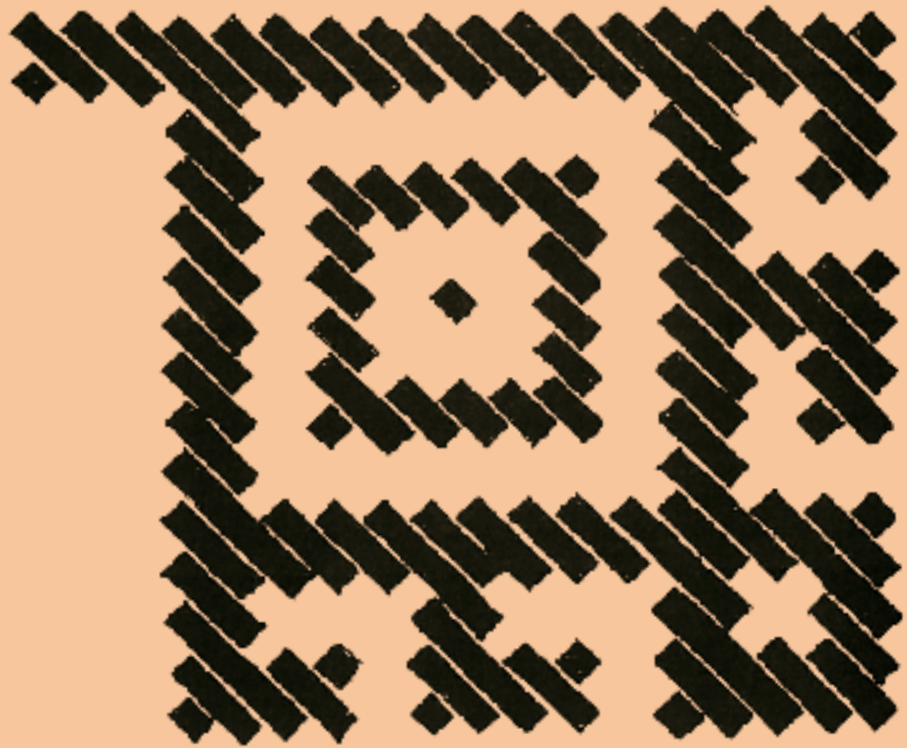


PALITË (W) OPIRITUMARE (A).

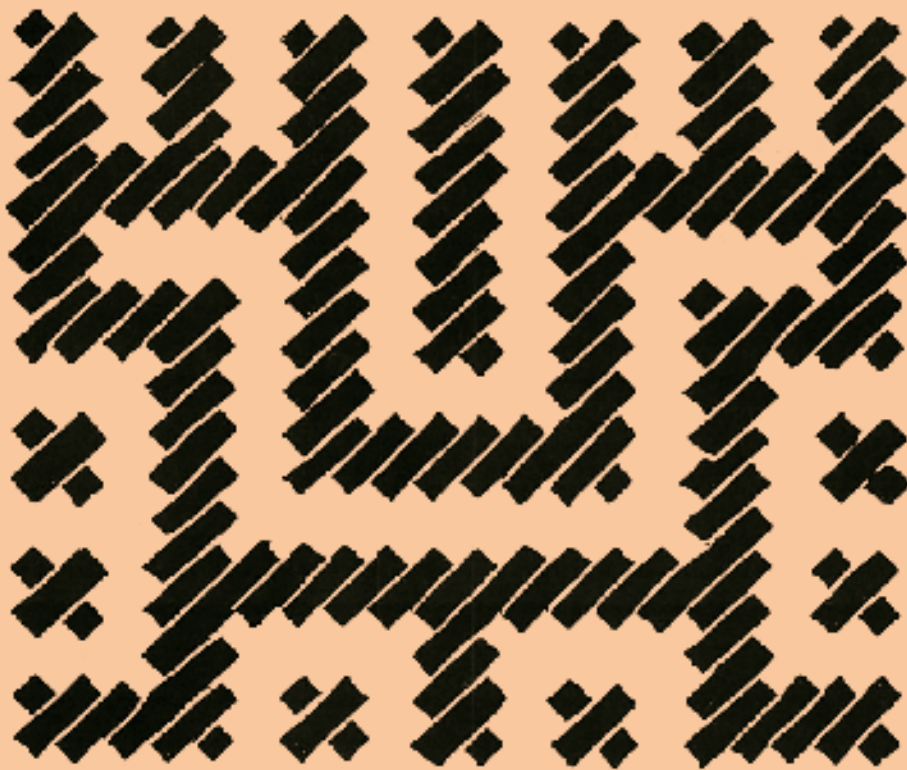
Larva de borboleta/serpente sobrenatural (modalidade *taririman*, preto).



PASI EMEKUN (W) PAXI EMEKU (A).
Patas dianteiras de cotiara quando come.

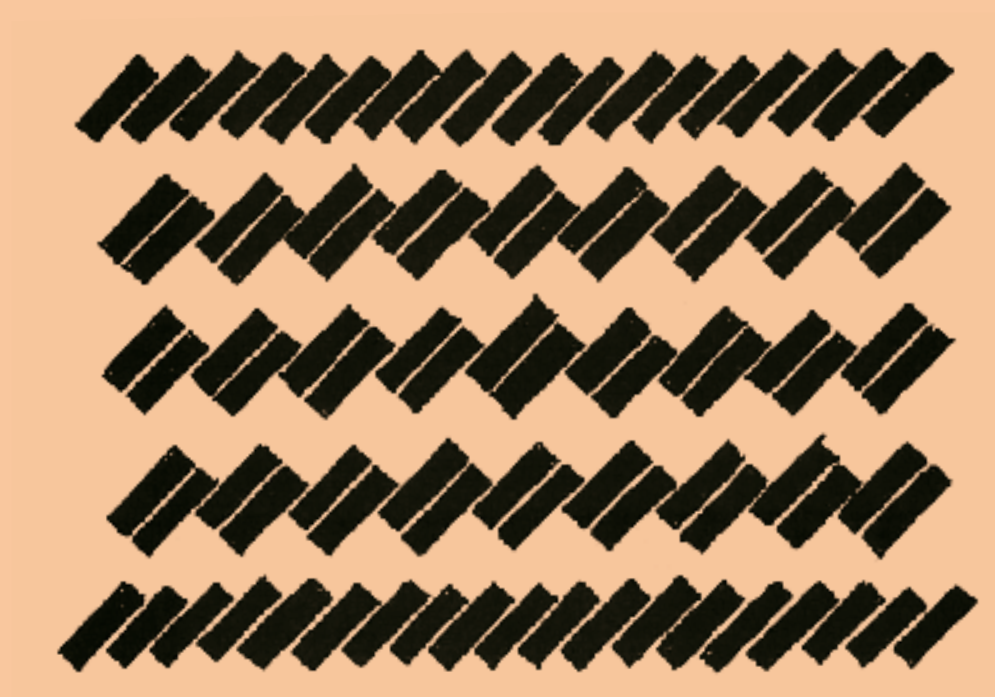


PUPUU (W) PURUPURU (A).
Tracajá.

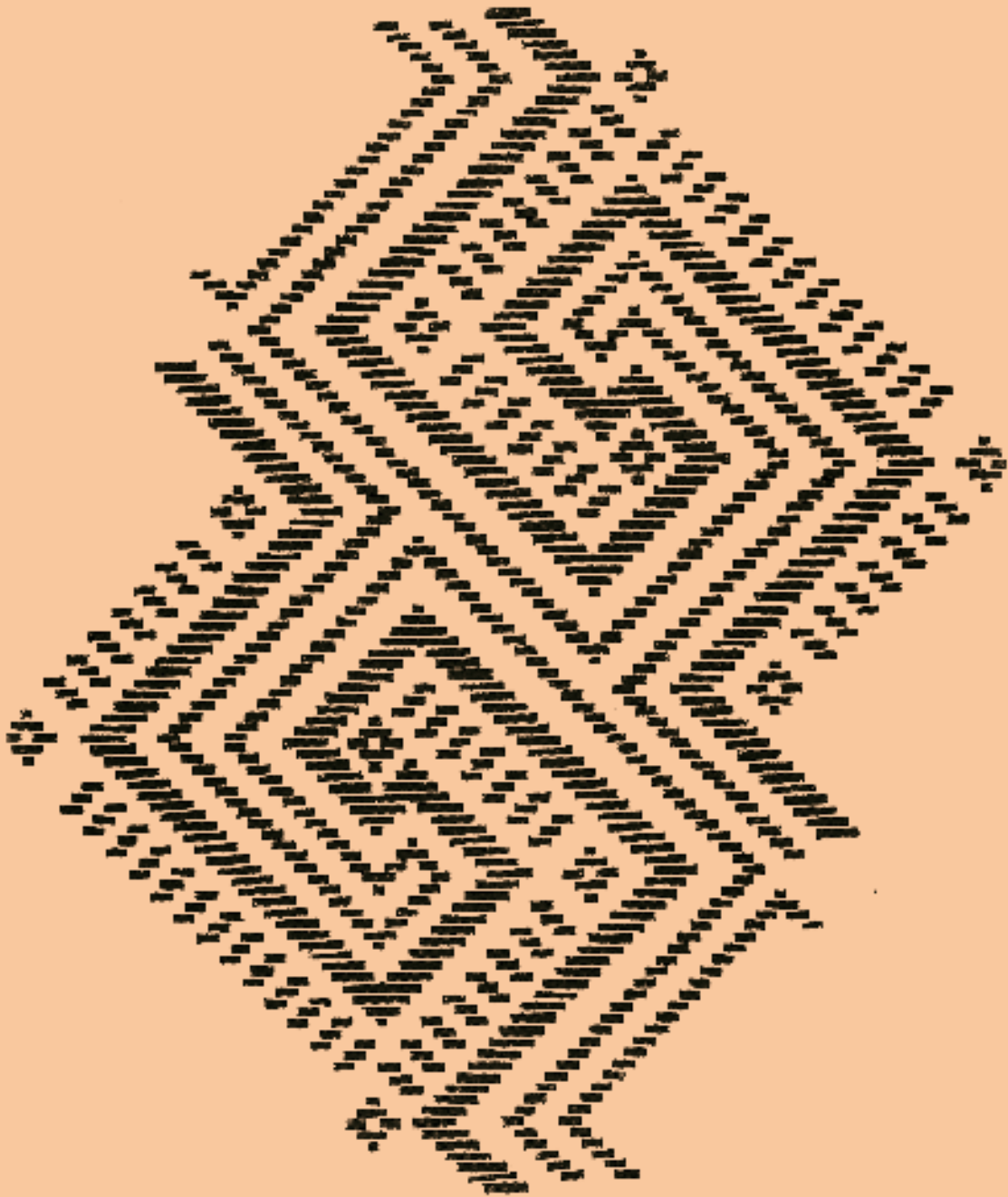


SIKALIOT (W) XIKARIO (A).

Larva de borboleta devoradora de folhas de mandioca.



TIPAPOMAN (W) TIPAPOMANO (A).
Fieira de penas de galo doméstico.



WAMA MIT (W) ARUMA MITI (A).

Raiz de arumã.

ARUMA NENUKATOPOPYRY

Mame pake aptao aruma kapyry warõkora tonutonukase aruma-a, zuaropyra exiryke. Tuhke tukupse eya (esety waropyra) repe, yrome onykahpyra tokurehse, typahse rokë tynykapyry tõ eya, tatokirinaryke. Yrome onurumekora ynororo tykapyryse moino toexiryke.

Myaroropa taytose ynororo ikuhtohme ropa myaroropa.

Mororo soaro totokirimase mase ropa, onykahpyra toexiryke. Mame moro zãno rokë aruma inykapyry tõmitase rahkene, ynara tykase “juaropyra mase, ynara kara jexihpo” tykase enuenukaryme rokene.

Maromeipo taosenehkase ynororo aruma-a ynara tykase “jykhname mase rahkene” tykase aruma zuzenu eya aosenety.

Mame toytose ropa ynororo aruma poko, tysahkase eya, tonehse pata pona, typikase, tuahkase. Moromeipo tykahse eya rahkene.

Mokyro toehse kahto moino, emero aruma tykahse eya rahkene, aruma kapyny waro toehse ynororo emero, ynara.

Ynara toehse mokyro ahno (esity waropyra) aruma kapyny waropyra exikety, pake ahtao.

Morara exiryke lamuhpomãkomo, topoenõkamo ãko, atamorepakasahxo aruma tykahko ãko, aruma senukãko mana zuaropyra oexiryke ãko typoenomo-a ynara.

posfácio: o projeto de manejo de arumã



O projeto “Apoiando experiências indígenas em gestão territorial e ambiental no Amapá e Norte do Pará” esteve em curso de 2010 a 2014. Trata-se de uma iniciativa do Iepé - Instituto Iepé de Pesquisa e Formação Indígena para a chamada pública de apoio financeiro a projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) em áreas indígenas, promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Além dos Wayana e dos Aparai, este projeto contemplou os povos Tiriyo e Kaxuyana (da Terra Indígena Parque do Tumucumaque) e os Wajãpi (Terra Indígena Waiãpi), todos habitantes do nordeste amazônico. O objetivo geral deste projeto é promover e fortalecer experiências e práticas tradicionais de manejo e ocupação territorial e ambiental destes povos indígenas.

Entre os Wayana e os Aparai, a experiência escolhida foi a do manejo de arumã e para a compreensão dos motivos dessa escolha faz-se necessário uma breve retrospectiva. Depois de o Estado brasileiro ter estabelecido contato contínuo com esses dois povos na década de 1960, e ter promovido o seu deslocamento para o entorno do Posto Indígena Apalaí (Aldeia Bona), seguiram-se numerosos projetos que visavam - tão somente - a sua inserção no mercado de trabalho nacional. Isso se deu através de um desmesurado e irrefletido incentivo para a comercialização de suas peças de cestaria, acarretando o rareamento dos recursos naturais empregados, em especial o arumã. Transcorridos alguns anos, as políticas nacionais para os povos indígenas mudaram e os Postos Indígenas foram reformulados em 2009.

Novos paradigmas para a produção e comercialização de artesanato foram pensados e pautados, respeitando as decisões locais e a sustentabilidade socioambiental. Assim, para o projeto em pauta, foram buscadas experiências exitosas que estavam sendo desenvolvidas por outros povos indígenas amazônicos e que estivessem dispostos a compartilhar suas experiências. Por meio da Rede de Cooperação Amazônica (RCA), que congrega doze organizações indígenas e indigenistas que atuam na Amazônia, foi proposto e encabeçado pelo Iepé junto ao Instituto Socioambiental (ISA), a Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI) e a Escola Indígena Baniwa Coripaco (EIBEC) Pamáali, um intercâmbio de artesãos Wayana, Aparai junto aos Baniwa e Coripaco. Estes últimos, em parceria com o ISA, já desenvolviam projetos experimentais de plantio e manejo de arumã, desde a década de 1990.



Parada em Tunuí-Cachoeira

Em abril de 2010, uma comitiva composta por quatro artesãos Wayana e Aparai e um assessor do Iepé, rumou para o rio Içana, um afluente da margem direita do Alto Rio Negro, noroeste do Amazonas. O grupo iniciou a viagem a partir de Macapá (AP) com paradas em Belém (PA) e Manaus (AM) até chegar a São Gabriel da Cachoeira (AM).



Comitiva na sede da EIBEC Pamáali, rio Içana

Nesta cidade foram recepcionados e acomodados pela equipe do Programa Rio Negro do ISA, e visitaram a comunidade de Itacoatiara Mirim, nas cercanias da cidade, onde uma parcela de arumã estava sendo manejado com êxito. Depois de alguns dias de reuniões e acordos no cronograma da viagem, juntaram-se à equipe outros mestres artesãos Baniwa e Coripaco e o ecólogo do Programa Rio Negro, Adelson Lopes.

A viagem continuou de voadeira, subindo o rio Negro e seu afluente rio Içana por três dias, até aportarmos na aldeia/escola EIBEC Pamáali. Durante os cinco dias de permanência na Pamáali, os Wayana e os Aparai tiveram a oportunidade de visitar vários locais de experimentos com arumã onde aprenderam na prática os saberes e as técnicas que envolvem esse trabalho.



Aprendendo manejo na prática

Após regressarem às suas respectivas aldeias foi iniciada a segunda etapa do projeto que contou com a participação da equipe do Programa Tumucumaque do Instituto Iepé em algumas etapas. Foram realizadas oficinas teóricas e práticas de manejo de arumã nas aldeias Bona, Xuixuimëne e Jolokoman, nas Terras Indígenas Parque do Tumucumaque e rio Paru D’Este entre 2010 e 2014. Nas oficinas práticas foram aplicadas com êxito duas técnicas de manejo. Uma das técnicas consiste em envergar a tala madura (aquela apropriada para a coleta), e afixa-la rés-ao-chão, garantindo permanente contato entre o substrato da serapilheira e a coroa de folhas. Já no outro método experimentado, a tala madura é coletada pelo manejador, e a coroa de folhas remanescente é replantada diretamente ao solo. Esta última prática têm despertado maior interesse porque permite retirar e aproveitar a tala madura durante o manejo.



Experimento de manejo no rio Paru de Leste

No caso da parcela experimental localizada na aldeia Bona, a coleta do arumã manejado já é possível, inclusive, algumas peças de cestaria doméstica já foram confeccionadas com matéria-prima 100% manejada.

Nas aldeias Xuixuimene e Jolokoman os experimentos foram igualmente exitosos, e de forma similar, já é possível a coleta de arumã manejado. Porém, diferentemente do que ocorre em Bona, os moradores dessas duas aldeias optaram, por temporariamente não retirarem nenhuma tala. Eles as estão reservando, como uma “poupança”.

É importante salientar que esse é o primeiro projeto de ATER indígena participativo e demonstrativo desenvolvido na região habitada pelos Wayana e Aparai no Brasil. Toda a linguagem que encerra as acepções dos experimentos e técnicas de manejo de arumã são, de certa maneira, novidades para estes povos. Por conta disso decidimos por começar sem atropelos, ministrando experimentos pontuais, passíveis de serem executados, controlados e monitorados facilmente por um pequeno grupo de pessoas.



Ainda que o experimento em si tenha proporcionado resultados comprovadamente positivos, provavelmente a maior contribuição desde projeto é ter propiciado o crescente interesse dos Wayana e Aparai pela discussão sobre novas formas de pensar sustentabilidade ambiental, em especial face aos paradigmas que contemporaneamente têm se apresentado em suas terras indígenas.

A finalização do projeto se deu através de oficinas que promoveram a discussão, troca e a documentação de experiências, conhecimentos e práticas que os Wayana e os Aparai têm sobre o arumã, a cestaria, o manejo e a sustentabilidade ambiental. O presente livro constitui de certa forma, o caminho encontrado para se dar continuidade a esta iniciativa.

referências de trabalhos sobre cestaria norte amazônica

- FRIKEL, P. 1973. *Os Tiryó. Seu Sistema adaptativo*. Hannover: Kommission Verlag Münsterman Duck.
- GALLOIS, D. T. 2006. *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará*. São Paulo: Iepé
- GALLOIS, D. T. e GRUPIONI, D.F. 2003. *Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam*. São Paulo: Iepé/NHII-USP.
- GUSS, D. 1989 *To weave and sing. Art, symbol, and narrative in the South American rain forest*. Berkeley: Univ. California Press.
- HENLEY, P. & MULLER, M.C. 1978 *Panare basketry: means of commercial exchange and artistic expression*. In: *Antropológica* 49, p. 29-130.
- HUGH-JONES, S. 1993 *Useful arts: artful utensils*. *Journal of the Anthropological Society of Oxford*, V. XXIV: 1, p.71-74.
- O'NEALE, L. (1949) 1986. *Cestaria*. In: RIBEIRO, D. e RIBEIRO, B. (Ed) *Suma Etnológica Brasileira V:2. Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes, p. 323-350.
- REICHEL – DOLMATOFF, G. 1985. *Basketry as Metaphor: arts and crafts of the Desana Indians of the Northwest Amazon*. In: *Occasional Papers of the Museum of Cultural History*, 5 Los Angeles: Univ. California.
- RIBEIRO, B.G. 1978. *O artesanato indígena como bem comerciável*. IN: *Ensaio de Opinião* 5: p. 68-77.
- RIBEIRO, B.G. 1980. *A civilização da palha. A arte do trançado dos índios do Brasil*. São Paulo: USP – Tese de doutorado.
- RIBEIRO, B.G. 1981. *O artesanato cesteiro como objeto de comércio entre os índios do alto rio Negro, Amazonas*. In: *América Indígena* 61 (2) p. 289-310.
- RIBEIRO, B.G. 1985. *A arte do trançado dos índios do Brasil. Um estudo taxonômico*. Belém: Mus. Par. E. Goeldi; Rio de Janeiro: Inst. Nac. Folclore.
- RIBEIRO, B.G. 1986. *A arte de trançar: dois macroestilos, dois modos de vida*. In: RIBEIRO, D. e RIBEIRO, B. (Ed). *Suma Etnológica Brasileira V: 2. Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Vozes, p: 283-322.
- RIBEIRO, B.G. 1989. *Arte Indígena, linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP.
- RIBEIRO, B.G. 1995. *Os Índios das Águas Pretas. Modo de produção e equipamento produtivo*. São Paulo: EDUSP/Companhia das Letras.
- RICARDO, C.A. 2000. *Arte Baniwa. Cestaria de arumã*. São Paulo: ISA/FOIRN.ROE, P. 1995. *Basketry: inspired by the Dragon*. *Arts of the Amazon*. London: Thames and Hudson, p. 30-35.

- ROTH, W.E. 1916-17 – *An introductory study of the arts, crafts and customs of the Guiana Indians*. Bur. Am. Ethnol. Washington, DC.
- VELTHEM, L.H., van 1986 – *Equipamento doméstico e de trabalho*. In: Suma Etnológica Brasileira RIBEIRO, D. e RIBEIRO, B. (Ed) V:2. Tecnologia Indígena. Petrópolis: Vozes, p. 95 – 118.
- VELTHEM, L.H., van 1992. *Arte Indígena: referentes sociais e cosmológicos*. In GRUPIONI, L.D.B. (Org.) *Índios no Brasil*. São Paulo: Sec. Mun. Cultural p 83-92
- VELTHEM, L.H., van 1998. *A pele de Tuluiperê. Uma etnografia dos trançados Wayana*. Belém: Mus. Par. E. Goeldi.
- VELTHEM, L.H., van 2000a. *Os primeiros tempos e os tempos atuais; artes e estéticas indígenas*. In: Artes Indígenas. São Paulo: Mostra do Redescobrimento (Catálogo) p 58-91.
- VELTHEM, L. H. van. 2000 b. *Fazer, fazeres e o mais belo feito*. In: BRITO, J. P. (Org.) *Os índios, Nós*. Catálogo. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, p 174-179.
- VELTHEM, L. H. van. 2003. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- VELTHEM, L. H. van. 2005. *Les mains, les yeux, le mouvement: les tressages des Indiens au Brésil*. In: GRUPIONI, L.D.B. (Org.) *Brésil Indien. Les arts des Amérindiens du Brésil*. Paris: Éditions de la Réunion des Musées, p. 214 – 241.
- VELTHEM, L. H. van. 2007. *Trançados indígenas norte amazônicos: fazer, adorning, usar*. In: *Revista de Estudos e Pesquisas*, v. 4 nº2. P. 117 – 146.
- VELTHEM, L. H. van. 2012. *Cestos, peneiras e outras coisas. A expressão material do sistema agrícola no Rio Negro*. *Revista de Antropologia*, V. 55:1, p.401-437.
- VELTHEM, L. H. van. 2014. *Serpentes de arumã. Fabricação e estética entre os Wayana (wajana) na Amazonia Oriental*. *Revista Proa* (no prelo).
- VELTHEM, L.H. van & LINKE, I. L.V.V. (Orgs) 2010. *Livro da arte gráfica Wayana e Aparai*. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI/lepé.
- VIDAL, L. 1992. *Grafismo Indígena. Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo: NOBEL/FAPESP/EDUSP.
- VIDAL, L. E SILVA, A . 1995. *O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material*. In: LOPES DA SILVA, A. e GRUPIONI, L.D.B. (Orgs.). *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, p. p. 369-406.
- YDE, J. 1965. *Material Culture of the Waiwai*. Copenhagen, National Museum of Denmark, Ethnographic series, 10.
- WILBERT, J. 1975. *Warao basketry. Form and function*. Occasional Papers of the Museum of Cultural History. N. # Los Angeles: Univ. of California.



Os Wayana e Aparai, falantes de línguas da família Carib, mantêm há mais de um século estreitas relações de convivência, vivendo na fronteira entre o Brasil, Suriname e Guiana Francesa. No Brasil, contam com uma população de mais de 900 pessoas, distribuídas em 20 aldeias, às margens do Rio Paru de Leste, em duas terras indígenas contínuas. São conhecidos por possuírem um rico repertório cesteiro, com o qual transportam e transformam vegetais cultivados e coletados em alimentos. Trançando cestos, tipitis, peneiras e abanos, preparam beijos, farinha e bebidas fermentadas, presentes na alimentação cotidiana e em suas festas; transportam e armazenam alimentos, matérias-primas, ferramentas e pertences pessoais. Seus trançados com grafismos materializam representações de ordem estética, histórica e cosmológica. Esse livro, produzido em parceria com artesãos e especialistas wayana e aparai, é um convite a se aproximar desse rico universo de conhecimentos, saberes e fazeres indígenas.



Secretaria da
Agricultura Familiar

Ministério do
Desenvolvimento Agrário

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA